



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

(In) Satisfação na Relação:

uma força ou vulnerabilidade na família?

**Um desafio no trabalho com famílias
multiproblemáticas**

Ana Fátima Rodrigues dos Santos

Orientação: Prof. Doutora Isabel Maria Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de Especialização: Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

Évora, 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

(In) Satisfação na Relação:

uma força ou vulnerabilidade na família?

**Um desafio no trabalho com famílias
multiproblemáticas**

Ana Fátima Rodrigues dos Santos

Orientação: Prof. Doutora Isabel Maria Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de Especialização: Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

Évora, 2015

DEDICATÓRIA

À memória do meu pai.

AGRADECIMENTOS

- À minha orientadora, a Prof. Doutora Isabel Mesquita por ter aceitado orientar a presente tese, pela ajuda na organização de ideias, pelas correções atentas e pelas sugestões.
- À minha mãe, trave mestra da minha vida, que me tem permitido vivenciar conceitos como base segura e suporte, e à sua maneira, sempre tão especial, ter tido mais uma vez, um papel tão importante na realização deste trabalho.
- Ao José Miguel e ao nosso filho Aires, por me terem proporcionado a descoberta de novos papéis em que sou tão feliz e por terem impulsionado a realização deste trabalho.
- À minha irmã Sofia e à bisavó do Aires, a avó Brígida, pelo apoio dado de diferentes formas.
- À amiga Susana Russo pela amizade profunda, que se concretizou mais uma vez na disponibilidade, no incentivo, na partilha de opiniões e em pertinentes sugestões.
- Ao colega de trabalho e supervisor, Nuno Pimentel pelos vários momentos de reflexão proporcionados, objetivando o ensinamento adequado e o meu desenvolvimento profissional e pessoal na minha prática profissional.
- À colega de equipa Filipa Sesifredo, por ter sempre acreditado e percebido o quanto este trabalho era importante para mim e pelo apoio fundamental na aplicação dos questionários.
- À direção do MDV pela confiança e oportunidade proporcionada para trabalhar no “Projeto Família” em Évora.
- Aos colegas da CPCJ de Évora, CLDS e MDV por me terem permitido chegar aos participantes.
- Aos participantes na investigação, pelo tempo, pela disponibilidade, sem a Vossa colaboração este trabalho não teria sido possível. Agradeço também por me ensinarem que o processo de investigação é, antes de mais, uma oportunidade de crescimento pessoal.
- Ao José pelo apoio informático que tornou possível todo o tratamento de dados.
- À Prof. Doutora Ana Melo e à Prof. Doutora Madalena Alarcão, à Prof. Doutora Isabel Mesquita e ao Prof. Doutor Wolfgang Lind pela disponibilização dos instrumentos utilizados, pela prontidão e interesse demonstrado neste estudo.
- A todos os que partilharam comigo, ao longo dos onze anos, a caminhada PIEFiana, colegas de trabalho, jovens e suas famílias, pelas oportunidades de aprendizagem e por me terem ajudado a descobrir como poderei ser mais feliz na minha prática profissional.

RESUMO

(In) Satisfação na Relação: uma força ou vulnerabilidade na família? Um desafio no trabalho com famílias multiproblemáticas.

O presente trabalho teve como objetivo geral contribuir para o conhecimento das famílias multiproblemáticas e para o aprofundamento sobre as inter-relações entre as necessidades individuais de objetos do *Self*, a satisfação com a relação e a percepção das forças familiares, com vista à sugestão de pistas para uma intervenção mais adequada às necessidades destas famílias. Foi aplicado um protocolo constituído pelos instrumentos: a Escala de Necessidades de Objetos do *Self* (SONI), o Relationship Rating Form- Revised (RRF-R) e o Questionário de Forças Familiares (QFF). A amostra foi constituída por 89 indivíduos provenientes de famílias multiproblemáticas. Verificou-se que a necessidade de objetos do *Self* que mais se destacou nos nossos participantes no estudo foi a necessidade de objeto de *twinsip* e que os participantes avaliam de forma satisfatória a relação. Conclui-se que existe efeito de moderação entre a necessidade de objeto de *twinsip* e a satisfação na relação, o qual tem um efeito positivo na percepção das forças familiares.

Palavras chave: satisfação na relação, *Self*, objetos do *Self*, forças familiares, famílias multiproblemáticas.

ABSTRACT

(Dis)satisfaction in the relationship: a strength or vulnerability in the family? A challenge in working with multi-problem families?

This study aimed to contribute to the knowledge of multidisfunctional families and a thorough understanding of the inter-relationships between the individual needs of the Self objects, the satisfaction with the relationship and the perception of family strengths, in order to suggest clues for a more appropriate intervention on the needs of these families. It has been applied a protocol based on these instruments: Self Objects Needs Inventory (SONI), the Relationship Rating Form-Revised (RRF-R) and the Survey of Family Forces (QFF). The sample consisted of 89 individuals from multi-problem families. It was found that the need for *Self* objects that stood out in our study's participants, was the need to twinship object and that participants assess the relationship satisfactorily. It concludes that there is the effect of moderation between the need to twinship object and the satisfaction in the relationship, which has a positive effect on the perception of family strengths.

Keywords: relationship satisfaction, Self, selfobject needs, family strengths, multi-problem families.

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico	3
Capítulo I - Seremos alguém sem que o sejamos para alguém?	3
1. A importância do (re)encontro com o outro	7
Capítulo II - A Satisfação Relacional no casal	11
Capítulo III - A Família	15
1. Famílias Multiproblemáticas	17
2. A conjugalidade nas famílias Multiproblemáticas: um problema ou um desafio?	21
Capítulo IV - A intervenção com famílias Multiproblemáticas	23
1. As Forças da família	24
2. O técnico como interventor relacional	26
Parte II – Estudo Empírico	31
Capítulo V – Estudo Empírico	31
1. Enquadramento do Estudo	31
2. Objetivos e Hipóteses	33
3. Metodologia	34
3.1 Participantes	34
3.2 Instrumentos	36
a) Consentimento de Participação	36
b) Questionário Sociodemográfico	36
3.2.1. Inventário de Necessidades dos Objetos do <i>Self</i> (SONI)	37
3.2.3 Relationship Rating Form - Revised (RRF-R)	38
3.2.4 Questionário de Forças Familiares (QFF)	38
Capítulo VI – Apresentação e análise dos resultados	41
1. Análises Preliminares	41
2. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos	42
2.1. Consistência Interna	42
2.2. Análise das Correlações	44
2.2.1. Análise das correlações entre as dimensões do SONI e do RRF- R	44
2.2.2. Análise das correlações entre as dimensões do SONI e do QFF	45
2.2.3. Análise das correlações entre as dimensões do RRF- R e do QFF	45

3. Estudo das Hipóteses	46
Capítulo VII – Discussão dos Resultados	57
1. Limitações	67
Capítulo VIII – Conclusão	71
Referências Bibliográficas	79
Anexos	87
Anexo I – Protocolo de Investigação	89

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1. Caracterização sociodemográfica</i>	35 e 36
<i>Tabela 2. Estatística Descritiva da Escala SONI</i>	41
<i>Tabela 3. Estatística Descritiva do Questionário RRF-R</i>	42
<i>Tabela 4. Estatística Descritiva do QFF</i>	42
<i>Tabela 5. Valores do Coeficiente de alpha de Cronbach dos Instrumentos</i>	43
<i>Tabela 6. Consistência interna da Escala de necessidades de Objectos do Self (SONI)</i>	43
<i>Tabela 7. Consistência interna do Questionário Relationship Rating Form-Revisto (RRF-R)</i>	44
<i>Tabela 8. Consistência interna do Questionário de Forças Familiares (QFF)</i>	44
<i>Tabela 9. Correlações entre a escala SONI e a escala RRF-R</i>	45
<i>Tabela 10. Correlações entre a escala SONI e o QFF</i>	45
<i>Tabela 11. Correlações entre a escala RRF-R e o QFF</i>	46
<i>Tabela 12. Significância das diferenças do Género face a satisfação com relação e Perceção das Forças familiares</i>	47
<i>Tabela 13. Significância das diferenças da escolaridade face à satisfação na relação e a perceção das forças familiares</i>	48
<i>Tabela 14. Significância das diferenças do estado civil face à satisfação na relação e a perceção das forças familiares</i>	48
<i>Tabela 15. Correlações entre a duração da relação e a satisfação na relação e a perceção das forças familiares</i>	49
<i>Tabela 16. Significância de diferenças entre ter filhos face à satisfação na relação e a perceção de forças familiares</i>	50
<i>Tabela 17. Resumo do modelo da variância da dimensão organização familiar positiva</i>	50
<i>Tabela 18. Coeficientes</i>	51
<i>Tabela 19. Resumo do modelo da variância da dimensão Crenças familiares positivas</i>	51
<i>Tabela 20. Coeficientes</i>	52
<i>Tabela 21. Resumo do modelo da variância da dimensão Gestão positiva e suporte familiar</i>	52
<i>Tabela 22. Coeficientes</i>	53
<i>Tabela 23. Resumo do modelo da variância da dimensão Emoções positivas</i>	53

<i>Tabela 24. Coeficientes</i>	54
<i>Tabela 25. Efeito de moderação com a Necessidade de Twinship</i>	55
<i>Tabela 26. Efeito de moderação com a Negação da necessidade de idealização e twinship</i>	55
<i>Tabela 27. Efeito de moderação com a necessidade de idealização</i>	55
<i>Tabela 28. Efeito de moderação com a necessidade de espelhamento</i>	55
<i>Tabela 29. Efeito de moderação com a necessidade de objeto de negação da necessidade de espelhamento</i>	56

INTRODUÇÃO

As famílias multiproblemáticas não se caracterizam por um sintoma específico mas pela forma caótica de interação e a presença de uma cadeia de problemas (Alarcão, 2000), que são vividos em simultâneo pelos elementos da família e de uma forma constante (Sousa, 2005). Partimos da premissa que as famílias são amostras de um mundo maior e que o estudo da satisfação na relação conjugal é um ponto nodal para a compreensão da conjugalidade e do funcionamento da família, para a identificação de forças no seu seio e para a prevenção de dificuldades e crises. O estudo em causa pretende explorar e aprofundar as inter-relações entre as necessidades de objetos do *Self*, a satisfação relacional e a perceção das forças familiares.

Este trabalho é reflexo do cruzamento de várias questões levantadas a partir de saberes e práticas, que têm na base, um olhar clínico essencialmente preocupado com a mudança das famílias, o seu bem-estar e desenvolvimento positivo, promovendo o desenvolvimento de modos emocionais partilhados, e o cuidado interno e externo dos seus elementos, a partir também da(s) conjugalidade(s) que nelas criam pilares, auxiliando-os a reconhecer, aprofundar e aceitar as realidades emocionais de cada um.

Pretender-se-á sugerir pistas para uma intervenção mais adequada às necessidades destas famílias, considerando a satisfação nas relações como (mais) um desafio no trabalho com as mesmas. (In) Satisfação na relação, uma força ou vulnerabilidade na família?

A primeira parte desta tese é dedicada ao enquadramento teórico, faremos uma síntese de toda a literatura que consultámos e que nos pareceu mais relevante, apresentando uma revisão da mesma sobre as variáveis em estudo, bem como a exposição de conceitos considerados chave.

Na segunda parte encontra-se o estudo empírico na qual falaremos sobre o processo metodológico que desenvolvemos no capítulo V, a caracterização da amostra e os instrumentos utilizados, seguida da apresentação e análise dos resultados no capítulo VI. No capítulo VII será feita a discussão dos mesmos e serão apresentadas limitações referentes ao estudo.

Por fim, no capítulo VIII serão apresentadas as principais conclusões, seguidas das referências bibliográficas citadas.

PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPITULO I

SEREMOS ALGUÉM SEM QUE O SEJAMOS PARA ALGUÉM?

A vida psíquica nasce na relação. Tal como o revela a etimologia, “a afetividade humana significa que somos capazes de ser afetados, mas afetados à maneira daquilo que somos: os nossos sentidos orgânicos são atravessados por uma dimensão de relacionamento humano que transforma a nossa sensibilidade orgânica em afetividade” (Renaud, 2001, p.90). O que deste modo nos afeta é uma modalidade da presença de um outro ser humano.

Partimos do pressuposto que a criança traz, à partida, competências de interatividade que se vão desenvolvendo gradualmente, tendo particular importância para o seu desenvolvimento a estimulação do meio. É com as figuras de relação primárias que o *Self* experimenta a afetividade pela primeira vez.

Heinz Kohut fundador da Psicologia do *Self*, compara a importância do objeto do *Self* para a sobrevivência emocional da criança com a importância do oxigénio para a sobrevivência biológica do indivíduo (Gabbard, 2007).

A expressão “objeto do *Self*” descreve o papel que as outras pessoas desempenham para o desenvolvimento do *Self*. Do ponto de vista do desenvolvimento do *Self*, os outros inicialmente não são considerados pessoas separadas, mas como outros que desempenham funções que satisfazem essas necessidades. Os objetos do *Self* são a forma como o *Self* realiza os seus objetivos de desenvolvimento psíquico e têm como função manter as funções internas e a estabilidade emocional do sujeito.

Kohut (1988) considera que receber respostas sintónicas e que possibilitam um modelo de idealização são aspetos essenciais para o desenvolvimento normal infantil. Este autor defendeu que o *Self* fica impossibilitado de se desenvolver quando na infância falta a satisfação das necessidades de admiração do próprio, de idealização das figuras parentais e de um sentimento de ligação a essas, ficando comprometido o sentimento de estabilidade temporal e de coesão do *Self*, bem como a manutenção da auto-estima.

A existência de falhas nestas áreas podem levar à fragmentação do *Self*, gerando respostas inapropriadas, expressas por uma busca desesperada quer seja por perfeição e admiração, seja por um elevado ideal de ego (Gabbard, 2007).

A ênfase nas falhas das relações precoces e as resultantes fragilidades do *Self*, estão em ressonância com a teoria britânica das relações de objeto.

De acordo com Klein é através da relação objetal primária que a criança vai desenvolver a sua própria representação de *Self*, primeiro a partir de uma representação corporal, depois através de um conjunto de sensações e experiências percebidas como próprias. Com o desenvolvimento e através da sintonia mãe-bebê, o bebê começa a perceber que o *Objeto parcial* afinal é *um Objeto total*, levando à possibilidade do sentimento de identidade pessoal, do reconhecimento do próprio através do outro, percebendo o limite entre o Eu e o mundo (Grinberg & Grinberg, 1976).

Winnicott (1975, citado por Mesquita, 2013) referira-se à mãe como a responsável pelas primeiras representações que o bebê terá dele próprio, constituídas a partir das respostas que esta dá os seus estados afetivos. Aludiu à necessidade do encontro entre o gesto espontâneo e a resposta maternal adequada de forma a validar a expressão do *Self* em desenvolvimento. Assim, as respostas que são sintónicas com o verdadeiro *Self* proporcionam o seu desenvolvimento, pois o outro como objeto transformacional, auxiliara-o na gestão dessa experiência e na modificação interna (Mahler & Fulrer, 1968 citado por Mesquita, 2013). O desenvolvimento da função reflexiva e a resposta maternal adequada aos afetos do bebê possibilita o desenvolvimento de um narcisismo saudável, constituindo as bases da autoconfiança e da autoestima (Parkin, 1985 citado por Mesquita 2013).

De acordo com Stern (1988), após o nascimento, o sujeito começa a experienciar o sentido de emergência do *Self*. Este sentido de *Self* emergente constitui-se o início da elaboração de um “eu” singular, diferenciado, distinto dos outros objetos semelhantes. Este autor propõe uma teoria voltada para o papel dos comportamentos parentais afetivo-reflexivos no desenvolvimento socioemocional primitivo.

Para o desenvolvimento do *Self* e para a autorregulação afetiva do sujeito contribui a construção das suas representações com apoio numa realidade subjetiva, através da dialética entre o mundo interpessoal (acontecimentos de vida) e o mundo intrapsíquico (interpretações, construções, memórias e distorções), tendo em conta experiências afetivas prazerosas e experiências de insatisfação (Stern, 1988).

Emde (1988 citado por Mesquita, 2013) considera que a disponibilidade emocional do cuidador na infância, revelando emoções positivas como interesse,

alegria e surpresa, se constituem como reservas positivas para o desenvolvimento do *Self* na criança.

Desde os primeiros tempos de vida e ao longo das interações com as figuras que lhe prestam cuidados, e, posteriormente, com outras figuras significativamente relevantes para além do pai e da mãe, o indivíduo vai construindo gradualmente um conjunto de conhecimentos e expectativas, quer sobre o modo como essas figuras atuam e respondem aos seus pedidos de ajuda e de proteção (acessibilidade e responsividade), quer sobre o *Self*, em termos do seu valor próprio e capacidade de influenciar os outros (Bowlby, 1973; Levit, 1994 citado por Ribeiro, 2002). Bowlby denomina este conjunto de conhecimentos e expectativas de Modelos Internos Dinâmicos.

Segundo este autor os comportamentos de vinculação são particularmente evidentes na infância e tendem a permanecer influentes nas representações do *Self* e do outro ao longo da vida. Contudo, a teoria da vinculação admite que estes modelos podem ser reformulados em função da influência de modificações das condições de vida e novas relações de vinculação (Sroufe, 1988; Thompson, 1999 citados por Soares, 2007) ao longo do desenvolvimento.

Os modelos internos dinâmicos, estruturas de significados, carregadas emocionalmente, são armazenados como esquemas mentais e levam a experiências na relação, gerando expectativas do comportamento dos outros em direção ao *Self*. São estes modelos internos que vão orientar o comportamento em outras relações (Soares, 2007), desenvolvendo, assim, padrões de vinculação mais ou menos seguros consoante a maior positividade ou negatividade das suas experiências relacionais anteriores.

Winnicott (1975 citado por Mesquita, 2013) acentuando a importância da falha precoce do meio circundante no desenvolvimento, considera que o *Self* está continuamente em transformação, necessita para tal de relações com o meio para se ir desenvolvendo. Para este autor, existem duas tendências básicas relacionadas com o processo de desenvolvimento infantil: a *tendência à maturação*, que é herdada, e a *tendência à dependência*, que se refere às condições fornecidas pelo ambiente para o adequado amadurecimento humano.

Kohut (1988) chama a atenção para a importância que a mãe tem por ele, será a partir do reconhecimento do seu valor e da estima, que se possibilitará que se vá adaptando ao novo mundo e que mantenha, em certa medida, o seu sentimento de integridade narcísica e o seu valor. O referido autor considera o narcisismo como

motor de desenvolvimento para a construção do *Self*, tendo os *Self* objeto ao longo da vida a sua importância fundamental. Atribui ênfase especial ao papel que as outras pessoas exercem para o desenvolvimento do *Self*, à medida que respondem a necessidades de espelhamento, idealização e gêmealidade.

O objeto do *Self* de idealização tem como função responder às necessidades fundamentais do bebê, para que este se sinta seguro; o objeto de espelhamento tem a função de espelhar o bebê, com o objetivo deste se sentir amado e valorizado, o objeto de gêmealidade exerce a função no sentido do bebê se sentir parte integrante de um contexto humano e capaz de compreender o outro.

Nos casos em que há uma representação diminuída do *Self*, o obstáculo à mudança reside numa culpabilidade em contrariar e em abandonar os objetos internalizados na medida em que isso acarreta um sentimento de vazio e de perda da identidade, o que restringe a evolução do *Self* e aprisiona todo o desenvolvimento (Mesquita, 2013)

Young (2003) denomina de esquemas, às estruturas mentais que sustentam o modo funcional do sujeito, os quais são padrões estáveis e duradouros que se desenvolvem durante a infância e ganham consistência ao longo da vida.

De acordo com Rijo (2009), os esquemas precoces maladaptativos são estruturas cognitivas disfuncionais e autoperpetuantes que configuram funcionamentos mais desorganizados, resultantes de relações disfuncionais com outros significativos.

Quando o próprio *Self* não desenvolveu plasticidade suficiente para integrar outras experiências transformadoras e capazes de colmatar as falhas anteriores, as relações e padrões de interação que se estabeleceram precocemente irão determinar um conjunto de percepções sobre o *Self*, o objeto e as relações com esse, que serão determinantes na constituição de um *Self* fragmentado, frágil e descontínuo, com um baixo nível de auto-estima.

Kohut (1988) enfatiza a importância de aspectos relacionais como facilitadores da grandiosidade infantil e da idealização enquanto processos normais de desenvolvimento. Assim, vem acentuar a influência da função parental na infância de forma a possibilitar o desenvolvimento de um narcisismo saudável, focalizando mais os aspectos ambientais do que os pulsionais, dado que desde o início da vida que o ser humano necessita de afeto, empatia e comunicação e não apenas de objetos adequados à descarga pulsional.

Com Fairbairn (citado por Machado, 1997), as relações com os outros passaram a ser vistas como o principal elemento constituinte da vida mental. A libido

torna-se procura de objeto em vez de procura de prazer, e o objeto constitui-se como um meio para atingir o seu verdadeiro fim – as relações com os outros.

As diferenças fundamentais dos modelos apresentados fundamentam-se no facto da teoria das relações de objeto destacar os relacionamentos internalizados entre as representações do *Self* e os objetos, e a psicologia do *Self* apontar para a importância dos relacionamentos externos para a manutenção da auto-estima e coesão do *Self*. No entanto, o foco persiste sobre o indivíduo e os modos como ocorre a organização psíquica da sua experiência emocional.

Enquanto a psicologia do ego defende a importância das pulsões e dos processos dinâmicos interiores na organização do psiquismo, a teoria das relações de objeto, embora não negue este aspeto, focaliza a importância das relações vividas na infância, sendo que as perspetivas mais contemporâneas destacam o papel das relações ao longo da vida como importantes para o desenvolvimento emocional e afetivo.

1. A importância do (re) encontro com o outro

A relação amorosa é um reencontro, mas é também a oportunidade de evolução psíquica, que se verifica da capacidade de autonomização psicológica face aos objetos de relação precoce, que a partir das suas relações e padrões de interação determinam um conjunto de perceções sobre o *Self*, mas é também a criação de uma nova descoberta, capaz de procurar outros significativos que contribuam para a transformação e crescimento do seu *Self* (Person, 2007 citado por Mesquita, 2013).

Parece que ao longo da vida nunca perdemos a necessidade de um objeto de amor, de um outro essencial que complemente, que seja respeitado pelo que difere em relação ao próprio e corresponda às diferentes fases do desenvolvimento. De acordo com Socarides e Stolorow (citado por Mesquita, 2013), a função do objeto do *Self* refere-se sobretudo à integração do afeto e à organização da experiência do *Self*, sendo que a ligação ao objeto do *Self* tem a ver com as necessidades de uma resposta de sintonia afetiva nos vários estádios do ciclo de vida.

O amor deverá ser um elemento transformador do mundo interno, sendo a relação amorosa uma das que mais poderá contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que o amor fortalece o *Self* e esse, uma vez fortalecido, é mais capaz de estabelecer relações verdadeiras e com profundidade (Mesquita, 2013).

As necessidades de objetos do *Self* serão tanto maiores consoante o grau de gravidade das falhas no desenvolvimento do *Self*, sendo que a maior necessidade ou

a maior tendência a evitar essa necessidade de objetos que desempenhem funções que deveriam ser realizadas pelas estruturas do *Self* se prende com funcionamentos menos saudáveis e com dificuldades ao nível da manutenção de sentimentos realistas e salutogêneos acerca do próprio valor, do envolvimento com os outros e ao nível da idealização (Mesquita, 2013).

Durante o ciclo vital, emergem novas capacidades, novos sentidos de *Self*, organizadores de perspectivas subjetivas sobre si e sobre o outro (Stern, 1988), e novos relacionamentos provenientes da experiência intersubjetiva, de certa forma reparadores, dos traumas relacionais passados (Carpentier, 2011).

Cleavely (1994) refere que a relação amorosa constitui-se como uma oportunidade para a resolução de conflitos relacionados com as relações da infância, uma vez que é possível um contacto com o que falhou. A capacidade de reparação dependerá da maturidade dos sujeitos e da capacidade do casal para regular os conflitos relativos aos seus mundos internos, o individual e compartilhado.

A estagnação corresponde à falha, impedindo patologicamente o desenvolvimento, conduzindo muitas vezes a repetições de relações que sistematicamente confirmam o que falta, acentuando a dor, em vez de acalantar.

Cleavely (1994) refere que muitos casais se unem para fugir aos pais e às experiências precoces, e o que se procura não é um amor igual ao vivido com os pais, mas sim um novo amor promotor de mudanças e que responda às exigências do amor adulto. No entanto, muitas vezes descobrem que optam por parceiros com os quais repetem experiências relacionais passadas, sendo a interação relacional baseada na dinâmica relacional pais-filhos, vivida anteriormente, procurando-se deste modo, um Objeto parental, e não um Objeto sexual.

Consoante a gravidade da falha de sintonia afetiva por parte do cuidador, assim a função requerida na ligação ao *outro essencial* ao longo da vida (Mesquita, 2013). A maior inflexibilidade dos princípios organizadores, a ausência de uma plasticidade saudável, é responsável pelos funcionamentos patológicos, pois representa uma incapacidade de libertação desses maus objetos e a procura de estilos relacionais que são repetitivos e não transformadores.

A partir de relações transformacionais cria-se a possibilidade, ao longo da vida, de suplantar esquemas patologicamente criados, que permitam que aspetos menos aceites do próprio que são projetados, possam ser contidos na relação, de modo que é possível um amadurecer, um crescimento do *Self* (Mesquita, 2013).

Kohut (1988) considera que na ligação ao objeto, mediada pela funcionalidade, o crescimento emocional é preterido em relação à função que o outro deve realizar, o Amor é uma relação com um objeto do *Self* que facilite o desenvolvimento do *Self*. Este autor considera que a procura de um amor ideal terá que ver com um objeto que possibilite a compensação das falhas na relação com os objetos de infância e que permita o desenvolvimento de estruturas psíquicas que ficaram com desenvolvimento suspenso.

A ligação ao objeto deverá ser analisada em função do que representa na vida mental, pois a sua função poderá ser diferente, a questão reside no que é que cada um procura no relacionamento amoroso (Mesquita, 2013).

Bergmann (1988 citado por Mesquita 2013) identifica como primeiro inimigo do amor, a impossibilidade de resolver adequadamente o vínculo precoce e refere-se à função corretora das relações estabelecidas ao considerar que quanto mais traumáticas foram as experiências relacionais precoces, maior será a tendência a procurá-las nas relações amorosas adultas, verificando-se uma repetição, pois o que se procura é uma reparação da falha originada nessas mesmas relações.

Uma relação é tanto mais válida quanto mais seja possibilita a descoberta do outro e do próprio na relação com esse outro, de modo a que seja transformacional, se revelem aspetos do verdadeiro *Self* e seja possível o crescimento e evolução desse. Gosta-se do outro pelo que complementa o próprio na sua diferença, sem que a diferença seja sentida como ameaçadora para o *Self*, em que os dois elementos da relação estão em interação e desenvolvimento contínuo (Mesquita, 2013).

O sucesso de uma relação assenta em grande parte no sentimento de autonomia do próprio num sentimento de identidade pessoal com a manutenção de uma capacidade para depender.

Kernberg (1991) considera que um aspeto importante da paixão tem a ver com o atravessar das fronteiras do *Self*, em direção ao outro, mas mantendo uma identidade separada, o que só é possível se as fronteiras do *Self* estiverem bem delimitadas sem o perigo de dissolução do *Eu* no outro. Para este autor uma condição essencial para a manutenção de uma relação amorosa é a integração de imagens do *Self* e de imagens dos objetos com afetos de amor e ódio na transformação de relações de objetos parciais em totais, resultando na possibilidade de constância objetal.

Uma relação desafia duas pessoas a despirem-se por dentro. Balint (2005, citado por Mesquita, 2013) sustenta que, na interação, cada um tem o potencial para

confirmar os principais medos do outro, ambos revisitam as experiências subjetivas passadas.

Quando existe alguma flexibilidade mental torna-se provável a transformação do mundo interno individual e do mundo externo partilhado.

Convém que exista um padrão emocional que caracterize o sujeito, mas também é bom que exista uma plasticidade adaptativa e transformadora do *Self* na inter-relação com um outro significativo.

A relação deverá funcionar como um contentor onde os conflitos internos podem ser externalizados e tornados acessíveis no processo interativo e existencial do casal. Toda e qualquer relação para ser suficientemente boa terá de ser recíproca, mas comporta ajustes, desajustes e reajustes (Mesquita, 2013). O equilíbrio afetivo depende sempre da qualidade das relações em que nos estruturamos e desestruturamos.

CAPITULO II

A SATISFAÇÃO RELACIONAL NO CASAL

A formação do casal dá início à constituição de uma nova família a partir do momento em que dois sistemas individuais “se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue no tempo” (Relvas, 1996, p. 51).

A conjugalidade remete para uma identidade específica do casal, que é formada pela experiência relacional dos seus dois membros enquanto absoluto, sem que percam, contudo, as respectivas identidades individuais. É nesta teia relacional que se vão conjugar as suas “semelhanças e diferenças, proximidades e distâncias, complementaridades e simetrias” (Narciso & Costa, 1996, p. 115). Há que definir os limites dos espaços individuais, mantendo-os bem demarcados, mas criar ao mesmo tempo espaço para um “nós” de existência própria e com regras específicas. O início da formação de casal implica que os sonhos, os projetos e mesmo as ilusões que cada elemento transporta consigo sejam transformados num modelo de relação viável.

A meta-comunicação (comunicação acerca da comunicação) constitui-se como o melhor auxiliar na construção de uma relação segura e equilibrada. É ela que permitirá ao casal refletir e ir introduzindo alterações sobre as regras que regem a construção do “nós” e que permitem a definição dos espaços, tempos e formas de expressão do “eu” e do “tu”. E será ela também que permitirá ao casal ir renegociando a sua relação ao longo do seu ciclo de vida (Melo, 2011).

Os diversos estudos realizados sobre a satisfação conjugal, na área da psicologia da família, começaram por investigar os fatores de risco de uma relação, associados aos insucessos conjugais ou divórcios. Mais recentemente começou-se a enfatizar os fatores que contribuem para o sucesso de uma relação conjugal em vez de enfatizar os fatores que levam a um insucesso, procurando assim os fatores protetores de uma relação conjugal. Ou seja, verificar os preditores de um casamento satisfeito ou feliz. Contudo, não existe um consenso geral em relação a uma clara operacionalização deste conceito e por isso encontrarmos um emaranhamento conceptual em que a satisfação conjugal está associada a outros conceitos como qualidade ou estabilidade conjugal, ajustamento conjugal, funcionalidade conjugal, felicidade conjugal e sucesso conjugal, cuja diferenciação não é sempre muito clara.

Segundo Narciso e Ribeiro (2009) pode definir-se qualidade conjugal, como o desempenho na e da relação, podendo este ser avaliado por um observador externo, através de critérios definidos *a priori*. Por sua vez, a satisfação conjugal resulta de

uma avaliação pessoal e subjetiva da relação, passível de análise apenas a partir do ponto de vista dos parceiros. A satisfação refere-se, normalmente, a uma avaliação positiva do outro cônjuge e da relação em causa (Narciso, 2001).

Hendrick, Dicke e Hendrick (1998, p.137) consideram a satisfação conjugal como “uma avaliação subjetiva de dada pessoa em relação ao que sente sobre a sua relação, num dado momento”. Esta avaliação subjetiva da relação é referida na literatura como satisfação da relação ou também satisfação conjugal.

Comparativamente à satisfação conjugal, mais frequentemente referida na literatura, a satisfação relacional apresenta-se como um conceito mais amplo que contempla não só as relações conjugais, mas também relacionamentos amorosos como as relações de namoro.

As variáveis estudadas em relação à satisfação conjugal têm sido as mais diversas. Narciso (2001) distingue três grandes agrupamentos de fatores ou variáveis estudadas em relação à satisfação conjugal: os fatores centrípetos, os fatores centrífugos e o fator tempo ou percurso de vida, transversal aos anteriores. Os fatores centrípetos correspondem aos processos implicados na própria relação do casal, nomeadamente processos afetivos (sentimentos de amor, intimidade e compromisso), cognitivos (perceções, atribuições, expectativas e pressupostos) e operativos ou comportamentais (comunicação, conflitos, resolução de conflitos e controlo relacional).

Os fatores centrífugos são considerados mais periféricos do *holon* conjugal e referem-se, segundo a autora, a fatores pessoais (caraterísticas da personalidade, padrões de vinculação e a motivação para o casamento), fatores demográficos (idades, estatuto socioeconómico, origem cultural e género sexual) e a fatores contextuais (tais como, a família de origem, a rede social e o trabalho).

Considerando que as relações não são pautadas por um carácter estático, unitário e imutável a satisfação relacional deverá ser analisada sob a alçada de um quadro dialético onde satisfação e insatisfação coexistem ao invés de adotar uma visão polarizada e temporalmente estagnada (Erbert & Duck, 1997, citado por Narciso, 2001).

Narciso (2001) propõe uma visão do amor formado por vários componentes que se vão transformando, em função do tempo de duração e do momento da relação, das circunstâncias e dificuldades destas e dos próprios parceiros.

Relvas (1996) fala do eixo diacrónico, entendido como tempo ou percurso da vida conjugal, em relação ao ciclo vital normativo ou não normativo como um agrupamento de fatores que pode influenciar a satisfação conjugal.

O Modelo Integrativo de Whisman (1997) apresenta uma classificação dos fatores que influenciam a satisfação – intrapessoais, interpessoais e contextuais – acentuando as suas influências recíprocas e estabelecendo a possibilidade de influências diretas ou mediatizadas sobre a satisfação conjugal. Neste modelo os fatores contextuais referem-se às características do meio que também influenciam a satisfação conjugal – tais como acontecimentos de vida stressantes ou o contexto social dos cônjuges. Whisman (1997) afirma que se tem prestado pouca atenção à influência dos fatores contextuais na satisfação conjugal.

No mesmo sentido, Berscheid e Lopes consideram que “ao contrário das forças pessoais que influenciam a satisfação da interação dos cônjuges, as forças ambientais, os contextos sociais e físicos, foram relativamente ignorados”. Deste modo, os autores concluem que “sabemos relativamente pouco como as relações conjugais estão a ser afetadas pelos contextos socioculturais, nos quais estão inseridos” (Berscheid & Lopes, 1997, p. 137).

Segundo estes autores (ibidem), torna-se necessário no estudo da satisfação conjugal, verificar como diferentes níveis de análise estão interligados, isto é, como variáveis macro (contexto em que estão inseridos) se interligam com variáveis micro (características individuais de cada um dos elementos do casal).

A compreensão e a ressignificação dos conflitos em termos de necessidades selfobjetais subjacentes, a influência de estruturas inconscientes de organização e padrões aprendidos de relacionamento ajudarão os casais a tornarem-se mais capazes de conhecer as necessidades selfobjetais de cada um, contribuindo para o seu desenvolvimento individual e como casal.

São vários os estudos que demonstram que, para a maioria dos indivíduos, um casamento satisfatório é um dos principais objetivos a atingir e um dos componentes mais importantes da sua vida (Whisman, 1997; Lopes, 2008).

Gottman & Notarius (2000) identificaram a satisfação conjugal como o melhor preditor da satisfação geral com a vida familiar, pois parece assumir funções protetoras que proporciona ferramentas essenciais (i.g. auto-estima) para lidar com o stress e determinar o bem-estar da família.

Gottman e Silver (2001) defendem que os casais com maior probabilidade de sucesso, “felizes para sempre”, são os emocionalmente inteligentes, sendo, que estes mantêm uma dinâmica que bloqueia os sentimentos e pensamentos negativos, de modo a que os positivos não sejam anulados.

Narciso (2001) considera a satisfação conjugal como um ponto nodal do bem-estar, e defende (Narciso & Ribeiro, 2009) que a satisfação com a relação contribui mais para o bem-estar pessoal do que o sucesso profissional, a religião ou os bens materiais e financeiros em conjunto. Também Hassebrauck e Fehr (2002, citado por Lind, 2008) referem estudos que indicam que a qualidade da relação tem um impacto muito positivo no bem-estar físico e psicológico e é o maior preditor (50%) para a felicidade em geral.

Apesar destas considerações, alguns investigadores consideram que o matrimónio enquanto instituição se encontra em crise. Esta afirmação é baseada numa elevada percentagem de divórcios, na preferência por “viver juntos” sem a formalidade do casamento e na elevada incidência de monoparentalidade (Ribeiro, 2002). Nas últimas décadas, registou-se uma evolução acentuada das modalidades de formação do casal e de constituição da família. Tentar-se à investigar se encontramos diferenças ao nível da satisfação na relação entre os nossos participantes casados e os participantes a residir em união de facto.

A união de facto ou coabitação é definida como um casal que vive numa relação emocional e sexual sem estarem casados, enquanto o casamento é definido como uma parceria sexual, económica e emocional entre um homem e uma mulher e que é socialmente e legalmente aprovado (Aboim, 2005; Torres, 2002).

Tanto os parceiros que estão casados como os que vivem em união de facto, parecem demonstrar uma visão idêntica da conceção de casal. As maiores diferenças são sentidas, ao nível das uniões de facto, pela recusa do “peso” da institucionalização e das tarefas domésticas (rituais próprios do casamento), pondo em causa a valorização íntima quer dos laços conjugais quer da definição de casal enquanto tal (Relvas & Alarcão, 2002).

Num estudo realizado por Brown (2003) que tinha como objetivo principal verificar se a formalização da coabitação alterava a qualidade da relação encontrou diferentes resultados acerca da qualidade da relação entre os indivíduos casados e os que vivem em união de facto. Verificou que os coabitantes que posteriormente se casam mostram mais felicidade e menos instabilidade nas suas relações, menos desacordos e estratégias de resolução de problemas caracterizadas por discussões mais calmas, comparando com os parceiros que ainda coabitam. Contudo, os coabitantes que têm intenção de se casar, vivenciam níveis de satisfação conjugal semelhantes aos coabitantes que já se casaram, podendo concluir-se que a união formal não implica necessariamente um aumento na qualidade da relação.

CAPITULO III

A FAMÍLIA

A família é o principal contexto de desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1986) enquanto espaço de vivência de relações afetivas profundas, de aprendizagem e elaboração de dimensões significativas (Alarcão, 2000) e de construção da identidade.

Sendo as famílias os sistemas que mais proximamente influenciam o desenvolvimento do indivíduo, são elas também, enquanto todo coletivo, competente, autônomo e organizado, que melhor permitem manter ou transformar e, acima de tudo, conservar, os aspetos da existência humana que mais valorizamos (Rosenin & Venden-Zoller, 2008 citado por Melo, 2011)

O estudo do desenvolvimento da família, contexto privilegiado de desenvolvimento do indivíduo, emergiu na década de 1940, do trabalho do sociólogo Evelyn Duvall (1957 citado por Relvas, 1996). Desde então, outras perspectivas foram avançadas e outros modelos surgiram para explicar o modo como as famílias mudam de forma e de funções ao longo do ciclo, através de uma série de estádios desenvolvimentais com características e desafios distintos.

Um outro importante marco teórico no estudo da família surge com a perspectiva ecológica, a qual surge no final dos anos sessenta, tendo como uma figura central Urie Bronfenbrenner. Na sua obra *The Ecology of Human Development* (1979), o autor propôs um modelo do desenvolvimento humano, inovador na forma como conceptualizava a pessoa em desenvolvimento, o meio e, acima de tudo, a relação entre ambos.

Segundo o autor, o desenvolvimento humano tem lugar no contexto das relações familiares, sendo esse desenvolvimento resultado não só dos fatores ontogénicos, mas também da interação das características genéticas da pessoa com o contexto familiar imediato e, eventualmente, com outros componentes do ambiente.

Este autor sugere que a pessoa em desenvolvimento não é vista como uma mera tábua rasa na qual o ambiente faz o seu impacto, mas sim como uma entidade dinâmica em crescimento, que progressivamente move e reestrutura o ambiente em que reside. Denota, também, que a interação entre a pessoa e o ambiente é vista como bidirecional, isto é, recíproca, uma vez que não só a pessoa influencia o ambiente, como o ambiente influencia a pessoa. Considera ainda que o ambiente relevante para o processo de desenvolvimento não se limita a um único cenário

imediatos, estendendo-se às interligações entre esses cenários, bem como às influências externas da envolvente mais vasta.

Para Bronfenbrenner, a família é um dos mais importantes e cruciais contextos em que se produz o desenvolvimento humano, daí que refira que “qualquer qualidade humana encontra-se intrinsecamente imersa, encontrando tanto o seu significado como a sua expressão plena, num contexto ou cenário ambiental concreto, do qual a família é o principal exemplo” (Bronfenbrenner 1979, p.225).

Relvas (1996) afirma que a família tem que cumprir com duas tarefas essenciais, uma de cariz mais interno e outras de cariz mais externo. Por um lado, espera-se que a família possa contribuir para o desenvolvimento e proteção dos seus membros, cuidando, nutrindo e desenvolvendo num ambiente securizante que permita a criação de um sentimento de pertença. Por outro, que funcione como contexto primário de socialização, preparando os seus membros para lidarem eficazmente com “o mundo lá fora”.

A perspetiva sistémica é ecológica e tem em consideração a relação de um determinado sistema com todos os macros e micro sistemas. De acordo com a leitura sistémica o conhecimento de um sistema faz-se da análise das relações (Relvas, 1999).

A família apresenta uma determinada estrutura, definida por Minuchin (1979 citado por Alarcão, 2000, p.67) como “a rede invisível de necessidades funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem”, composta por diferentes unidades sistémicas relacionais denominadas de subsistemas (subsistema individual, conjugal, parental e fraternal). Experimenta importantes mudanças evolutivas produzidas pelos próprios processos de desenvolvimento dos seus membros, pelas mudanças nas suas relações e pelos acontecimentos que se produzem na vida familiar.

Concretamente, a dinâmica evolutiva da família concerne a três planos distintos e interrelacionados: as relações entre os pais; a configuração familiar; e evolução dos filhos.

Na definição de Andolfi pode verificar-se o avanço que permitiu a conceção sistémica para caracterizar a família como algo mais do que a soma dos indivíduos que a compõem, a “família é entendida, na sua complexidade, como um sistema de interações que supera e articula dentro dela os vários elementos individuais; deste modo, a exploração das relações interpessoais e das normas que regulam a sua vida como grupo é necessária para a compreensão do comportamento de cada um dos

membros que a formam”, o autor acrescenta ainda que “a família é um sistema entre sistemas e que é essencial a exploração de relações interpessoais, e das normas que regulam a vida dos grupos significativos a que o indivíduo pertence, para uma compreensão do comportamento dos membros (...)” (Andolfi , 1981 citado por Alarcão, 2000, p.38).

1. Famílias Multiproblemáticas

O conceito de famílias multiproblemáticas despontou no final dos anos 50, no âmbito do trabalho social, e mais tarde no da saúde mental (Alarcão, 2000; Cancrini, Gregorio & Nocerino, 1997; Sousa, 2005), estando, inicialmente, associado às famílias mais desfavorecidas social e economicamente, não dando atenção às situações caracterizadas por relações interpessoais e sociais entre os membros da família (Cancrini, Gregorio & Nocerino, 1997).

Considera-se que a emergência do conceito é contingente às transformações da sociedade industrial. Com a Era Industrial entra em crise a família patriarcal baseada na agricultura. Isto é, as famílias que apresentavam uma vivência comunitária (viviam nas ruas, trabalhavam nos campos e partilhavam tarefas e espaços com os vizinhos) mudam-se massivamente para as cidades e verifica-se um progressivo aumento da inserção dessas pessoas no mercado laboral (Linares, 1997; Sousa, 2005). A industrialização trouxe consigo alterações na organização do trabalho, que se refletiram de forma significativa na própria organização do sistema familiar.

Não só os bairros periféricos, onde se concentravam os operários (famílias mais desfavorecidas), como os centros urbanos, ocupados por burgueses (classe média), contemplaram o desenvolvimento de “um novo tipo de família composta por um núcleo parental único e um número variável de filhos” (Linares,1997, p. 24), com uma nova conceção de casal e de intimidade familiar.

Associado ao desenvolvimento industrial, desponta o Estado Providência apoiado em ideias e obrigações de solidariedade, que passa a entrar na privacidade das famílias mais desprotegidas para estas receberem o seu apoio. Esta nova conjuntura origina uma invasão da privacidade das famílias mais pobres ou carentes, principalmente, daquelas que “aos olhos sociais não cumprem as suas tarefas familiares” (Sousa, 2005, p. 15).

Ao longo do tempo, encontramos um conjunto de designações que demonstram a complexidade deste fenómeno social, o qual tem sido alvo de várias pesquisas e reflexões teóricas.

Os primeiros estudos situam-se nos anos sessenta-setenta e focam a sua atenção na organização estrutural do grupo familiar e nas modalidades estabelecidas com o meio circundante (Cancrini, Gregorio & Nocerino, 1997, 48-49): Voiland (1962) refere-se a “famílias associiais”, focando comportamentos familiares socialmente desviantes; Minuchin et al. (1967) utilizam, por sua vez, o termo “famílias desorganizadas ou desmembradas”, ao estudarem as fronteiras familiares, identificando a existência de limites difusos ou indefinidos e o caos comunicacional que evidencia e reforça a desordem relacional e a desorganização estrutural; Powell e Monahan (1969) fazem referência às “famílias isoladas” devido ao seu isolamento, físico e emocional, relativamente à família extensa e ao contexto social; Thierney (1976) considera as “famílias excluídas” perceptíveis pela separação em relação aos contextos parental, institucional e contextual; Aponte (1976) propõe a designação “famílias suborganizadas”, devido aos défices ao nível da diferenciação e da organização estrutural da família.

Os estudos mais recentes definem as famílias consoante os efeitos causados pelo envolvimento com os serviços formais de apoio. Colapinto (1995) utiliza o termo “famílias diluídas” para se referir a famílias que não utilizam os seus recursos, transferindo as funções parentais para outras instâncias de proteção social; outros autores (Linares, 1997; Minuchin, 2007; Neto, 1997) referem-se a “famílias multiassistidas”, na medida em que face à diversidade de problemas e de pessoas atingidas, frequentemente recebem um suporte fragmentado e descoordenado por parte de diversos serviços.

Por último, os desenvolvimentos recentes no estudo das famílias multiproblemáticas focam os processos familiares, reforçam as capacidades e recursos destas famílias. Madsen (1999) propõe a designação de “famílias multi-stressadas”, reconhecendo que estas famílias enfrentam situações de *stress* sucessivas, mas também as forças, recursos e conhecimento que dispõe para lhes dar resposta; Minuchin et al. (1998, citado por Alarcão 2000) nomeiam-nas famílias multi-crises, realçando a permanente ocorrência de crises, previstas ou não. E ainda, Kagan & Schlosberg (1989, citado por Alarcão, 2000) veem estas famílias como famílias em crises contínuas, enfatizando que as suas crises são constantes ao longo do tempo.

Por fim Summers, McMann & Fuger (1997) e Alarcão (2000) propõem a designação do termo “famílias multidesafiadas” de modo a destacar os múltiplos desafios ou múltiplas necessidades de mudança que estas famílias enfrentam.

Atualmente, o conceito de famílias multiproblemáticas não está necessariamente relacionado com a situação de pobreza. Cancrini, Gregorio & Nocerino (1997) propõem seis critérios para operacionalizar o conceito de família multiproblemática: presença simultânea, em dois ou mais membros da família, de comportamentos problemáticos severos e estáveis no tempo; insuficiência grave de atividades funcionais, relacionais e ao nível do desenvolvimento familiar; fragilidade nos limites; possível relação crónica de dependência com os serviços sociais; desenvolvimento de algumas formas pouco usuais de comportamentos sintomáticos nos sujeitos (por exemplo, toxicodependência, alcoolismo, etc.). Em suma, estas famílias não se caracterizam por um sintoma específico mas pelo estilo caótico de interação e a presença de uma cadeia de problemas (Alarcão, 2000), que são vividos em simultâneo pelos elementos da família e de uma forma constante (Sousa, 2004).

Pelas definições consideradas anteriormente, podemos verificar que há inúmeras visões e formas de caracterizar as mesmas famílias. Neste trabalho optámos por utilizar a designação família “multiproblemática”, partindo da conceptualização supra-citada, apesar das diversas denominações existentes. Esta opção baseia-se, por um lado, no facto de ser a designação mais frequentemente adotada na literatura, e por outro lado, por se considerar ser a sua definição, operacionalização precisa e de ampla utilização por parte dos profissionais que melhor permite ir ao encontro do objeto deste estudo.

No entanto, partimos da premissa de que a família é detentora de um papel ativo e dinâmico perante os múltiplos desafios que enfrenta ao longo da vida e no contexto onde se insere e por isso as consideramos famílias multidesafiadas (Alarcão, 2000).

Uma análise ao nível da estrutura e funcionamento das famílias multiproblemáticas, pensamos que nos permitirá o aprofundamento da compreensão destes sistemas familiares.

Estas famílias são caracterizadas pela instabilidade na estrutura e nas relações, tendendo a apresentar falhas na definição de papéis, inconsistência e falta de controlo (Weitzman, 1985), bem como repetidas ruturas e reconstituições (Linares, 1997).

A estrutura familiar refere-se “à rede invisível de necessidades funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem” (Minuchin, 1979 citado por

Alarcão, 2000, p. 54), correspondendo à imagem que podemos ter do funcionamento familiar.

O trabalho de Cancrini, Gregorio & Nocerino (1997) permitiu distinguir algumas configurações diferenciadas nestes sistemas familiares: pai periférico, casal instável, mulher sozinha e família petrificada.

É de destacar que a primeira configuração, pai periférico, descrita anteriormente por Minuchin *et al.* (1967, citado por Sousa, 2005), é a mais frequente. Nesta, a presença da figura parental é esporádica na estrutura familiar, desocupada ou subocupada (em termos de emprego), com um nível de instrução e de competências modesto, apresentando um papel secundário, tanto do ponto de vista afetivo como económico.

É a figura feminina (mãe) que assume um papel central, embora caótico que frequentemente representa estes agregados familiares, quando recorrem ao apoio dos serviços sociais, sendo o pai percecionado pelos profissionais (mais do que pela própria família) como violento, alcoólico, infiel e incapaz de ocupar-se a família. Este pai é, em geral, difícil de localizar, no entanto, quando se torna presente constitui, muitas vezes, uma surpresa agradável, por se revelar uma figura menos instável do que a descrição de terceiros sugeria. As razões da periferidade remetem para a falta de responsabilidade e/ou com uma profunda desconfiança das próprias capacidades para lidar e mudar a situação (Cancrini, Gregorio & Nocerino, 1997).

As mulheres mantêm uma atitude pouco consistente e clara em relação às figuras masculinas, especialmente no contacto com os serviços: têm o cuidado de os criticar ou manter afastados, amparando uma visão negativa do seu envolvimento, mas defendem-nos igualmente com intensidade. Provavelmente, as mulheres sentem que enquanto casal têm um vínculo, se este laço se mantém o homem é defendido, se há um corte, a mulher sente-se legitimada para a difamação (Sousa, 2005). Pode dizer-se que o papel do marido é ambíguo, sendo muitas vezes confundido com o papel de filho (o homem pode ser simultaneamente dependente e autoritário em relação à mulher). A esposa perceciona -se como sendo explorada pelo marido, mas sem capacidade para se defender. A alternativa seria a separação, no entanto, isso levaria à destruição da família. Daí que ela oscile entre situações de forte oposição, assertividade e exigência de respeito pelos seus direitos, e períodos de resignação e depressão (Neto, 1996; Sousa, 2005).

O funcionamento familiar refere-se aos padrões de relação que ligam os membros, destacando-se, nas famílias multiproblemáticas, a falta de um sentido de

objetivos familiares, na medida em que dispendem as energias em conflitos imediatos e situações de emergência e sobrevivência (Weitzman, 1985). Daqui resultam situações caracterizadas por uma insatisfatória realização das funções familiares (nos aspetos organizativos e nos relacionais) ou por busca de ajuda externa que possa desenvolver essas mesmas funções (Alarcão, 2000).

Por limites entendemos as fronteiras ou barreiras que permitem a diferenciação entre os sub-sistemas familiares. Segundo Minuchin (1982), a partir da diferenciação e permeabilidade dos limites, as famílias podem ser escalonadas num *continuum* que vai de um polo emaranhado (fronteiras difusas) a um polo desligado (fronteiras rígidas), sendo que podem existir diferentes tipos de limites entre os vários subsistemas ou elementos.

As famílias multiproblemáticas, quer entre os vários subsistemas quer nas relações com o exterior, caracterizam-se pelo desmembramento, ou seja, as fronteiras são pouco definidas ou excessivamente permeáveis, os membros são distantes e a hierarquia é caótica (Alarcão, 2000).

2. A conjugalidade nas famílias multiproblemáticas: um problema ou um desafio?

Após a análise do funcionamento das famílias multiproblemáticas, procuraremos apresentar, seguidamente, algumas das características mais frequentes do subsistema conjugal.

No que diz respeito à conjugalidade, vários estudos revistos referem a existência de uma enorme instabilidade que não permite o amadurecimento das relações conjugais, que se relaciona com a difusão dos limites e com a enorme labilidade afetiva entre os membros, resultando em conflitos quase permanentes (Alarcão, 2000; Linares, 1997; Sousa, 2005).

Segundo Alarcão esta situação resulta quer “da dificuldade que os cônjuges têm seja de estabelecer relações equilibradas e igualitárias (simetria relacional), seja de desenvolver relações complementares que permitam obter do outro aquilo que é necessário para que o próprio se complete” (Alarcão, 2000, p.328). Acresce que um ou ambos os membros do casal apresentam, recorrentemente, perturbações ao nível da saúde mental, raramente revelando capacidades executivas e sentindo-se oprimidos pelas tarefas da vida familiar.

A inconstância conjugal por sua vez, no campo da parentalidade conduz à deterioração da função paternal portanto é comum existirem falhas na segurança básica dos filhos e que, por sua vez, estes interiorizem modelos inseguros de vinculação (Sousa, 2005; Melo, 2011).

Atendendo às referidas características da conjugalidade nas famílias multiproblemáticas, nas suas condições e possíveis implicações, quer a nível individual, quer a nível familiar, tentaremos (re) equacionar a conjugalidade nestas famílias, debruçando-nos na importância da identificação das forças na família e do seu possível papel no trabalho desenvolvido pelo técnico, para posteriormente desenvolvermos o estudo empírico realizado e desvendarmos possíveis inter-relações entre as dimensões consideradas.

CAPITULO IV

A INTERVENÇÃO COM FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS

Nas abordagens tradicionais de intervenção com as famílias multiproblemáticas é negligenciado o ponto de vista das famílias, bem como as respetivas competências e estratégias que utilizam na resolução de problemas. Nesta abordagem, os profissionais reforçam a noção de famílias incapazes, não percecionando os recursos e meios que as mesmas utilizam para resolver os problemas, por isso, tendem a assumir uma atitude substitutiva, oprimindo as suas tarefas ou funções familiares (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

Esta crença dos profissionais conduz a uma postura passiva, por parte das famílias que, por vezes, é lida pelos profissionais como falta de interesse e envolvimento. Por outro lado, esta forma de intervenção pode ainda levar a conflitos porque geralmente a família não aceita imposição de regras (Grilo, 2013).

Assistimos hoje a transformações concetuais no modo de olhar as famílias e os seus problemas e, conseqüentemente, na forma de conceber a intervenção.

Nos últimos anos tem-se assistido, cada vez mais, ao afirmar do potencial da família para o auto-reparo e para o crescimento a partir da crise (Walsh, 1998), ao desfocar as “lentes” dos défices e dos problemas, que parecem muitas vezes insolúveis, e colocar a ênfase nas soluções, nas capacidades, nas competências, naquilo que funciona melhor. Verifica-se a preocupação em estimular e reforçar processos de resiliência familiar seja nas dimensões mais centradas nas crenças familiares (aumentar o sentido partilhado de competência, otimismo, orientação para o futuro), nas dimensões mais organizacionais (coesão familiar, gestão de recursos, envolvimento familiar) ou nas dimensões da comunicação e capacidade de resolução conjunta de problemas (Melo, 2011).

Partindo do pressuposto de que é possível identificar processos que permitem às famílias responder aos desafios internos e externos que perturbam o seu bem-estar e dos seus elementos, considera-se assim, igualmente possível identificar capacidades e recursos, facilitadores das mudanças, nos diferentes elementos do sistema familiar e nas relações (Madsen, 1999; Ausloos, 1996).

Tal como Hoffman (1993) defende, mais do que uma estratégia, a procura do que melhor existe nas famílias deve assumir-se como uma postura de base no processo de ajuda.

As abordagens colaborativas (centradas nas competências e nas soluções) estão numa fase de desenvolvimento sustentado e de progressiva incorporação na prática, com bons resultados.

1. Forças da Família

Os modelos ecológicos (Bronfenbrenner, 1979), tal como já foi referido, chamaram a atenção para a importância das características dos contextos mais próximos e alargados e para as suas dinâmicas transacionais no desenvolvimento do indivíduo. Por outro lado, as perspetivas sistémicas e a sua aplicação na terapia familiar assinalaram um marco importante na leitura dos problemas humanos ao deslocarem a atenção do indivíduo, do seu mundo intrapessoal e de modelos explicativos lineares, para o campo interpessoal, para teorias circulares das relações e padrões de interação (Carr, 2006 citado por Melo, 2011)

Se o estudo dos fatores de risco e mecanismos de vulnerabilidade nos oferece um guião importante para a avaliação das trajetórias desenvolvimentais e prevenção de situações potencialmente nefastas, a investigação tem não só identificado diversos fatores de proteção associados ao funcionamento familiar como tem sublinhado a importância dos processos de adaptação e resiliência familiar, que centram a atenção nas forças que se constroem, em situações de contrariedade, a partir de processos relacionais familiares (Walsh, 2003).

Williams et al. (1985, citado por Dunst, Trivette & Deal, 1994) define as forças das famílias como os padrões de relação, as competências interpessoais e as características psicossociais que criam uma identidade positiva da família, promovem uma interação satisfatória entre os membros do sistema familiar, encorajam o desenvolvimento e o potencial da família enquanto grupo e de cada um dos seus membros individualmente e contribuem para a capacidade de lidar eficazmente com o *stress* e as crises.

As forças da família são compostas por diversos componentes englobando os valores familiares, as competências familiares e os padrões de interação familiares. Os valores familiares são definidos como as atitudes e crenças que contribuem para um estilo de funcionamento único em cada família, incluem uma variedade de afirmações e expectativas que caracterizam o estilo de vida da família. As competências familiares são o conhecimento, as competências e as capacidades que cada membro da família tem para mobilizar recursos internos ou externos. Por último, os padrões de interação

familiares são as características das relações interpessoais familiares que promovem a circulação de informação e de recursos entre os membros do sistema familiar para que o suporte seja mútuo (Dunst, Trivette & Deal, 1994).

As famílias têm diferentes tipos de valores, competências e padrões de interação que, no seu conjunto, definem o estilo de funcionamento de cada família que é único e irrepetível e reflete a forma como a família se desenvolve. Dunst e seus colaboradores referem que não é a presença ou ausência destes componentes que tornam uma família forte mas sim a combinação de características.

Ausloos defende que a valorização da competência deverá ser usada como estratégia de capacitação das famílias pois todas as famílias têm competências e que “falar de família competente é, pois, uma maneira de dar à família a sua competência, antes de ter em conta as suas faltas” (Ausloos, 1996, p.131), refere o postulado da competência que sugere que uma família só se coloca com problemas que é capaz de resolver.

As denominadas famílias multiproblemáticas encontram-se, frequentemente, paralisadas ou bloqueadas em padrões repetitivos de organização que não funcionam, mas que dão algum sentido de segurança porque são habituais. Em certas ocasiões os sistemas não sabem utilizar as suas competências, em algumas áreas não as possuem, podem não reconhecer que as têm, estão impedidos ou privam-se de as usar (Ausloos, 1996). Acontece que, a demasiada concentração nos problemas impede os sistemas de perscrutar soluções e perceber que competências têm para dissolver os problemas (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

As dificuldades de organização e gestão dos recursos relacionais e materiais destas famílias contribuem para o envolvimento de vários elementos externos que tentam ajudá-las, ainda que num registo compensatório. A diversidade de problemas e as dinâmicas familiares facilmente levam a um reforço das dificuldades das famílias que, facilmente se vão “diluindo” no sistema dos serviços sociais (Colapinto, 1995) e as soluções tentadas quando desarticuladas, podem inadvertidamente, contribuir para a manutenção ou agravamento dos mesmos problemas que se pretendem combater.

Na realidade, profissionais saturados de problemas não conseguem ver soluções e em vez de serem facilitadores da mudança funcionam precisamente em sentido contrário. A perspetiva das forças não resulta se os profissionais se esconderem por trás do papel de especialistas e se distanciarem dos clientes (Rodrigues & Sousa, 2013).

Madsen (2007) também salienta que todas as famílias têm capacidade de crescer, aprender e mudar e refere a importância de um modelo que não ignore as dificuldades mas que dê ênfase a expandir competências. Ao explorar os problemas dando foco à competência a família recorda-se que é capaz de lidar com as dificuldades e, ao notar esta capacidade, desenvolve o seu sentido de competência que lhes permite mais facilmente encontrar solução para os problemas.

Nestas circunstâncias, é necessário educar as famílias para focarem as suas próprias forças. Identificar e valorizar as forças inerentes ao sistema familiar requer o esforço de todos os envolvidos. Todas as pessoas, mesmo aquelas que vivem sob as mais precárias e desvantajosas condições, têm capacidades e podem ativá-las para resistir a essas condições adversas, tentando melhorar a sua qualidade de vida (Ausloos, 1996; Sousa, 2008).

De acordo com Melo (2011) a exploração das forças deve ser feita de modo a que elas possam, efetivamente ser percebidas como tal pela família e utilizadas a favor da mudança, ou seja quando a família: a) as reconhece (ou as redescobre) e valoriza enquanto tal; b) as consegue situar, ligar e contextualizar na sua história, enraizando-as, narrando-as e dando-lhes significado; c) as movimenta no sentido de otimizar o seu desenvolvimento, a mudança e a reorganização para cumprir com os seus objetivos; d) reflete sobre a dinâmica contida nas forças e aprende formas de as desenvolver, ativar, ampliar e multiplicar; e) se percebe como principal motor e criador dessas forças e autora das histórias que elas permitem criar; f) reconhece e aprende a gerir os fatores que contribuem para a potenciação ou restrição dessas forças; g) consegue conjuga-las e aliá-las a áreas mais fragilizadas do seu funcionamento; e) consegue oferecer as suas forças nas relações com outros sistemas, conjugando esforços e oferecendo o que tem de melhor para alimentar processos co-evolutivos.

Contudo, são escassos os instrumentos que permitam recolher informação sobre a perceção que as famílias têm das suas forças familiares e possam ser utilizados quer na investigação, quer na prática. Neste estudo, será utilizado um questionário de Forças Familiares (Melo & Alarcão, 2011) que cumpre este fim.

2. O técnico como interventor relacional

As famílias multiproblemáticas são consideradas dos públicos mais difíceis de ajudar, por um lado, devido à exigência inerente à intervenção com este público e, por

outro, devido à dificuldade em encontrar respostas consideradas eficazes por parte do sistema de apoio social.

O sistema de apoio social às famílias parece encontrar-se num momento de transição e mudança concetuais relativamente ao modo de olhar as famílias e os seus problemas, tal como já foi referido anteriormente. A intervenção enfatiza, cada vez mais, as competências das famílias no sentido de resolverem as suas queixas e atingirem os seus objetivos, cabendo ao interventor a tarefa de aceder a essas capacidades e facilitar o seu uso (Rodrigues & Sousa, 2013).

Os autores humanistas como Rogers (1984) ou, no campo da terapia familiar, Virginia Satir (2001 citado por Melo, 2011) postulavam que as pessoas têm necessidade de se sentirem valorizadas, de desenvolverem um sentido de valor próprio e competência que facilite a auto-atualização e realização. A qualidade da relação estabelecida entre as famílias e os técnicos é assim apontada como um fator facilitador de mudança, contribuindo para isto a capacidade de empatia, de flexibilidade, de oferecer perspectivas futuras.

A intervenção familiar será melhor sucedida, na promoção de desenvolvimento positivo, se as famílias se sentirem, acolhidas, respeitadas e aceites. Espera-se que o técnico valide as emoções (O'Hanlon, 1998 citado por Rodrigues & Sousa, 2013), refletindo-as e devolvendo-as com a família, fazendo também uso das suas competências culturais.

A promoção do pensamento reflexivo junto das famílias tem o diálogo como principal instrumento de mudança, envolvendo desta forma, as próprias famílias nesse processo. Reeler (2007 citado por Grilo, 2013) defende que, para além da construção e manutenção das relações de confiança, é fundamental conversar sobre as histórias e biografias destas famílias, que nos remetem para a experiência, conhecimentos e recursos, os quais poderão ser utilizados na própria intervenção.

Espera-se do técnico o reconhecimento da singularidade de cada família e que tenha a mestria necessária para procurar pontes de aliança com a mesma, entender o seu ponto de vista e, colocando-se numa posição colaborativa.

A investigação tem demonstrado que a qualidade da relação estabelecida entre técnicos e famílias influencia fortemente a qualidade do trabalho desenvolvido e a promoção da mudança (Reeler, 2007 citado por Grilo, 2013; Melo, 2011). Entre os fatores que os clientes mais apreciam na relação de ajuda constam a criação de uma atmosfera de curiosidade, ou descoberta, uma relação positiva e a congruência entre a direção do técnico e do cliente.

É nas relações e nos diálogos que os técnicos estabelecem com as famílias, que joga a construção de novas realidades familiares, desejavelmente mais complexas, flexíveis e cuidadoras. Com o conhecimento recíproco de experiência que compartilham e da mútua influência que exercem um sobre o outro. A mudança é desencadeada por “movimentos conversacionais provocatórios” no sentido de promover espaço terapêutico para o crescimento do paciente, dentro de um espírito permanente de negociação.

O técnico é vivenciado pelo paciente mais como um colaborador amistoso do que uma autoridade distante (Coderch, 2011). Também Madsen (1999) reforça, a importância da atitude, da postura e da ligação emocional que os técnicos levam para a relação com o cliente sem esquecer a importância das técnicas terapêuticas.

Desde há várias décadas que se vem desenvolvendo a ideia de que o trabalho clínico junto destas populações tem que reger-se por critérios diferentes, na organização e disponibilização de serviços. O desenvolvimento e os resultados obtidos por modelos clínicos multi-sistémicos, baseados na comunidade e disponibilizados no domicílio, foram-se apresentando como respostas mais congruentes com o funcionamento e a dinâmica complexa destas famílias que exigem um olhar integrador.

Atualmente são também considerados fatores promotores de sucesso com este tipo de público a oferta de benefícios imediatos e serviços flexíveis, prestado em horas convenientes para a família e no domicílio e comunidade (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 2007; Rodrigues & Sousa, 2013).

Segundo Ana Melo (2011) a importância dada ao trabalho no espaço domiciliário e comunitário associa-se a um conjunto de fatores como: a) o respeito e a compreensão pelo enquadramento ecossistémico da vida familiar; b) a combinação de um olhar clínico com um trabalho de cariz social; c) uma atenção especial a barreiras e obstáculos que possam dificultar o envolvimento das famílias; d) a valorização das forças, competências, recursos e redes naturais da família na facilitação do processo de mudança.

A intervenção em contexto domiciliário, por seu lado, faz-se acompanhar da necessidade de formação específica (Stinchfield, 2004 citado por Melo 2011).

A complexa interação de fatores que sustentam as dificuldades apresentadas por estas famílias e os caminhos para uma adaptação mais positiva exigem a organização da intervenção a partir de um conjunto de lentes diversas, mas integradas, que amplificam as múltiplas relações entre as diferentes variáveis

possivelmente implicadas, bem como as relações entre os múltiplos níveis de análise de onde essas variáveis emergem (Melo, 2011).

Defende-se, à semelhança de outras propostas (e.g. Romano, 2000 citado por Melo, 2011; Rodrigues & Sousa, 2013) que há vantagens num trabalho verdadeiramente articulado e, mais do que isso, integrado entre psicólogos e outros técnicos, e que o trabalho clínico pode beneficiar dos avanços realizados ao nível do trabalho social, enquanto este pode ganhar com uma leitura clínica do indivíduo, da família e com o conhecimento das características das dinâmicas familiares, particularmente nestas famílias. Deverá também considerar-se a articulação com as redes formais (sejam organização e/ou serviços) as quais permitirão ao técnico obter uma visão multidimensional da família e, por outro lado, contribuir para a não duplicação da intervenção, pese embora poder existir o risco da multiassistência (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

É importante que, por um lado, o técnico consiga cuidar do seu próprio conforto e segurança no decorrer da intervenção e que, por outro, consiga gerir as suas emoções de forma a constituir-se um verdadeiro aliado da família no processo de mudança.

O desgaste emocional, desalento e desinvestimento podem ser problemas relevantes entre técnicos que trabalham com famílias multiproblemáticas. É, assim, fundamental, que, para além da formação, as equipas encontrem mecanismos para lidar com a pressão e para que os diferentes elementos encontrem momentos e espaços de suporte e apoio. As reuniões de equipa, para discussão de casos, o apoio de supervisores externos ou do coordenador da equipa podem contribuir para prevenir o *burnout* dos técnicos (Boyd-Franklin & Bry, 2000 citados por Melo, 2011).

O técnico deve, ainda, também atender aos seus próprios diálogos internos (Gonçalves, 2003; Leone, 2008; Zimmerman, 1996), na medida em que também eles entrarão nas conversas e, de forma assumida ou não, refletida ou irrefletida, positiva ou negativa, darão o seu contributo para os significados que emergem dos encontros com as famílias.

Podemos afirmar que um trabalho e postura centrada numa perspetiva baseada nas forças é um trabalho de crença nas capacidades e no potencial de transformação humano mesmo em condições de adversidade, um trabalho que nasce da manutenção da esperança e da crença de que todas as pessoas, famílias, comunidades e relações têm forças e que existe uma tendência para a atualização e expressão dessas mesmas forças. Assume-se ainda, que a ativação das forças

depende do estabelecimento de relações cooperativas e respeitadoras e decorre da natureza dos diálogos estabelecidos entre técnicos e famílias.

Se os profissionais utilizarem, na sua prática, esta abordagem, que se baseia no *empowerment* e na noção de que as pessoas podem crescer e podem mudar, estarão a valorizar as famílias e a potenciar a mudança nas suas vidas (Rodrigues & Grilo, 2013; Rivero, 2013).

Encaramos o ser humano como sendo, de certa forma proactivo e indissociável do seu contexto, que não reage apenas face aos fenómenos, mas que é capaz de construir a sua interação com o mundo circundante. Partimos do princípio que é mais fácil promover os recursos do que remover as disfunções para a prevenção ou intervenção em dado contexto ou sistema.

O psicólogo não deverá ser encarado como um observador externo e distante mas um coparticipante na aventura emocional e intelectual que se convida a fazer.

Pretende-se contribuir para o aumento do conhecimento nesta área, traduzindo-se no alargamento da compreensão sobre a relevância que os fatores aqui considerados parecem assumir no trabalho com estas famílias, numa perspetiva de fornecer pistas para a intervenção, focalizada em processos positivos de construção de novas realidades e histórias de vida de casal (Leone, 2008) e de família, influenciando o trabalho de intervenção comunitária, pois pretende-se salientar a importância a longo prazo da promoção de competências ao nível relacional das famílias.

PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO V ESTUDO EMPÍRICO

Neste capítulo, intitulado “Estudo Empírico” pretende-se clarificar os aspetos de natureza metodológica que orientam o presente estudo. Poderemos assim, encontrar a descrição da metodologia orientadora do estudo empírico, os objetivos e as hipóteses de investigação, assim como os métodos utilizados, os quais englobam a caracterização da amostra, os instrumentos utilizados, os procedimentos e resultados obtidos com a análise de dados efetuada.

A presente investigação assume um desenho quantitativo, mais especificamente exploratório e descritivo.

1. *Enquadramento do Estudo*

Com base na pesquisa bibliográfica realizada e na experiência de trabalho com famílias multiproblemáticas, definiu-se como objetivo geral do presente estudo contribuir para o conhecimento das mesmas.

Definiram-se como critérios de seleção dos participantes, os apresentados no ponto 2.1 (Metodologia) e pretende-se, a partir dos instrumentos utilizados e da discussão dos resultados obtidos, aceder à informação pretendida.

Verificamos pela literatura revista no enquadramento teórico que encontramos inúmeras definições e uma extensa lista de características atribuídas às famílias multiproblemáticas (Cancrini, Gregorio & Nocerino 1997; Linares, 1997; Sousa, 2005; Hespanha et al., 2005, citado por Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007; Alarcão, 2000; Weitzman, 1985).

Partimos do pressuposto que as experiências dos primeiros anos de vida, influenciam o curso do desenvolvimento, não o determinando de forma linear, já que o desenvolvimento é o resultado da história acumulativa das interações, entre o indivíduo e os outros, o contexto e suas significações, ao longo do ciclo de vida.

Temos também por base as ideias de autores como Kohut (1988) ao considerar o que os *Self* objeto têm a sua importância fundamental ao longo da vida. Este autor defende que o Amor é uma relação com um objeto do *Self* que facilite o seu desenvolvimento.

Na troca afetiva, o referido autor, atribui ênfase especial ao papel que as outras pessoas exercem para o desenvolvimento do *Self*, à medida que respondem a necessidades de espelhamento, idealização e gêmealidade. Pretende-se a partir do que Kohut autor postula, numa primeira análise desvendar que tipo de necessidade de objeto do *Self* se evidenciam mais nos participantes do nosso estudo.

O amor é transformacional no sentido em que fortalece o *Self* e este, fortalecido, será capaz de estabelecer e desenvolver relações verdadeiras e com profundidade, que seja transformacional. (Mesquita, 2013; Kohut, 1988).

Temos também em consideração, tal como Madalena Alarcão (2000), que a família é um espaço que permite a elaboração e a aprendizagem de dimensões fundamentais de relação com o outro, como a linguagem e as relações interpessoais, sendo também um espaço onde são vivenciadas relações afetivas significativas.

Partimos assim da premissa que as famílias são amostras de um mundo maior e que o estudo da satisfação na relação conjugal é fundamental para a compreensão da conjugalidade e do funcionamento da família, para a identificação de forças no seu seio e para a prevenção de dificuldades e crises.

Consideramos que a relação conjugal é uma construção e que um casamento satisfatório, tal como Norgren e colaboradores (2004) verificaram, é mais uma questão de trabalho em equipa do que uma questão de escolha certa. Os estudos recentes sobre a satisfação conjugal começaram a enfatizar os fatores que contribuem para o sucesso de uma relação conjugal em vez de enfatizar os fatores que levam a um insucesso, procurando assim os fatores protetores de uma relação conjugal. Segundo Berscheid & Lopes (1997), torna-se necessário no estudo da satisfação conjugal, verificar como diferentes níveis de análise estão interligados, isto é, como variáveis macro (contexto em que estão inseridos) se interligam com variáveis micro (características individuais).

Relativamente ao estudo das famílias multiproblemáticas, tal como já foi referido na revisão teórica, os desenvolvimentos recentes focam os processos familiares, reforçam as capacidades e recursos destas famílias (Hoffman, 1993; Madsen, 1999; Minuchin et al., 1998; Rodrigues & Sousa, 2013; Summers, McMann & Fuger, 1997; Walsh, 2002). Neste paradigma emergente de intervenção, os problemas não são ignorados, mas os técnicos focam-se na identificação das forças e exploração do seu significado e da sua relação com o funcionamento familiar atual com vista à mobilização para a resolução de problemas.

Diversos autores (e.g. Ausloos, 1996; Hoffman, 1993; Rodrigues & Sousa, 2013) consideram que a promoção do auto-conhecimento e a valorização de competências são formas de capacitação que permitem que as famílias estejam mais aptas a compreender as suas necessidades, para atualizar os recursos que possuem e gerar desenvolvimento.

Estudos revistos (Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009; Gottman & Notarius, 2000; Gottman & Silver, 2001) consideram a satisfação conjugal como tendo um impacto positivo no bem-estar físico e psicológico.

Parte-se assim para a descoberta das interligações da satisfação na relação com a perceção das forças familiares.

2. Objetivos e Hipóteses

De um modo mais específico, pretende-se analisar que tipo de necessidade de objetos do *Self* se evidencia mais, qual o grau de satisfação com a relação e qual a perceção das forças familiares.

Posteriormente tentar-se-á perceber se a ligação ao outro, de modo a colmatar as falhas ou fragilidades sentidas ao nível do *Self*, se relaciona com a satisfação na relação e a perceção das forças familiares, perspetivando possíveis contributos para a intervenção.

Numa primeira abordagem, será analisado se a satisfação na relação e a perceção das forças familiares diferem consoante algumas variáveis sociodemográficas. Nesse sentido, com vista a atingir o objetivo apresentado, serão estudadas as seguintes hipóteses:

H1: Existem diferenças de género estatisticamente significativas na satisfação com a relação e na perceção de forças familiares.

H2: A escolaridade influencia a satisfação com a relação e a perceção das forças familiares.

H3: A situação na relação influencia a satisfação com a relação e a perceção das forças familiares.

H4: A duração da relação influencia significativamente a satisfação com a relação e a perceção das forças familiares.

H5: Ter filhos influencia significativamente a satisfação com a relação e a perceção das forças familiares.

Serão posteriormente analisadas as correlações existentes entre as variáveis identificadas e estudada a hipótese delineada:

H6: As necessidades de objetos do *Self* e a satisfação com a relação são preditores significativos da percepção das forças familiares.

No seguimento da análise da hipótese apresentada, considerou-se a possibilidade de investigar, de que modo determinadas necessidades de objetos do *Self* influenciam a relação entre satisfação na relação e a percepção das forças familiares. Ou seja, analisar se as necessidades de objetos do *Self*, nomeadamente as necessidades de espelhamento, de *twinsip* e de idealização e a negação das necessidades de espelhamento e idealização/*twinsip* (Banai, Mikulincer & Shaver, 2005) moderam a relação entre a satisfação com a relação e a percepção das forças familiares.

Assim, com vista a responder à questão levantada delineou-se a hipótese a seguir apresentada:

H7: As necessidades dos objetos do *Self* são variáveis moderadoras na relação entre a satisfação com a relação e a percepção de forças na família.

3. Metodologia

3.1. Participantes

Relativamente ao processo de seleção da amostra utilizaram-se métodos de amostragem não aleatória, designados de amostragem por conveniência, selecionando-se casos mais facilmente disponíveis (Maroco, 2010). A amostra foi recolhida entre janeiro de 2015 e abril de 2015 através de contactos pessoais dos autores deste estudo no desenvolvimento da sua prática profissional e a partir de técnicos que têm uma intervenção direta com famílias. Foi assim utilizado o método de “Bola de neve”, dado que em algumas situações os técnicos que colaboraram indicaram novos participantes (Maroco, 2010).

Tendo presentes os objetivos do presente estudo, considerou-se como critérios de seleção dos participantes, a amostra ser constituída por indivíduos provenientes de famílias caracterizadas como multiproblemáticas. Estas foram selecionadas de acordo com os critérios anteriormente definidos por Cancrini, Gregorio & Nocerino (1997), os indivíduos têm idades compreendidas entre os 25 anos e os 55 anos e têm um relacionamento amoroso há mais de 2 anos.

A presente investigação contou com a participação de uma amostra de 89 sujeitos, dos quais 72% (n = 64) eram do género feminino e 28% (n=25) do género masculino. A média de idades era de 38 anos (Dp=8,0 anos), variando entre um mínimo de 26 e um máximo de 55 anos. A maioria encontrava-se no escalão etário até 30 anos (24,7%), tinham entre 7 a 9 anos de escolaridade (33,7%) e viviam em união de facto (58,4%). Uma proporção elevada (70,8%) indicou que não teve relacionamentos anteriores e 25% teve um relacionamento anterior. Quanto à existência de filhos, 18% indicou não ter, 78,7% tinha filhos e 3,4% encontravam-se à espera de filhos. Em termos médios a idade dos filhos biológicos era de 10,6 anos e a dos enteados de 13,2 anos. Mais de metade dos sujeitos da amostra é da Região Alentejo (60,7%). Em termos de situação profissional, 58,4% (n = 52) encontravam-se desempregados. Por último, 64% indicaram que nunca tiveram acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, 14,6% estavam a ter acompanhamento a este nível enquanto 21,3% tinha tido no passado - veja-se a Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica

	N	%
Género		
Masculino	25	28,1
Feminino	64	71,9
Idade (M, DP)	38,0 (±8,0)	
Escolaridade		
0-4 anos	18	20,2
5-6	12	13,5
7-9	30	33,7
10-12	18	20,2
Freq. univ.	2	2,2
Ens. superior	9	10,1
Situação profissional		
Empregado	36	40,4
Desempregado	52	58,4
Reformado	1	1,1
Situação relacional		
Casamento	37	41,6
União de facto	52	58,4
Zona de residência		
Centro	10	11,2

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica-continuação

Alentejo	54	60,7
Grande Lisboa	25	28,1
<i>Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico</i>		
Nunca teve	57	64,0
Teve no passado	19	21,3
Tem atualmente	13	14,6

3.2 Instrumentos

No presente estudo, foi solicitado aos participantes a resposta a um protocolo de investigação (c.f., Anexo I) constituído por: a) um Consentimento de Participação, b) um Questionário Sociodemográfico e c) três instrumentos: o Inventário de Necessidades de Objetos do *Self-SONI* (Banai, Mikulincer & Shaver, 2005; Mesquita, 2013); o inventário Relationship Rating Form–Revised - RRF-R (Davis, 1996; versão portuguesa, Lind, 2008) e o Questionário de Forças Familiares (Melo & Alarcão, 2011).

a) Consentimento de Participação

O protocolo de investigação (anexo I) foi acompanhado de uma folha introdutória, nomeada de Consentimento de Participação, na qual se encontravam as informações referentes à identificação do autor e do orientador do estudo, o contexto em que o mesmo se insere, o anonimato das respostas dadas (unicamente submetidas a tratamento estatístico inerente à investigação) e uma chamada de atenção para a importância da sinceridade, espontaneidade e da resposta a todos os itens apresentados. Salientou-se, ainda, a importância deste ser preenchido individualmente e na totalidade.

Caso os participantes estivessem de acordo com a participação na investigação, deveriam efetuar uma rubrica e indicar a data.

b) Questionário Sociodemográfico

O Questionário sociodemográfico é constituído por nove questões de resposta rápida, nas quais se questiona os participantes relativamente: à idade, ao sexo, ao nível de escolaridade, à profissão, à zona de residência, à sua situação relacional,

duração da relação, existência de filhos e suas idades. Por último questiona-se se já teve acompanhamento psicológico ou psiquiátrico.

3.2.1 Inventário de Necessidades dos Objetos do Self (SONI)

O SONI (Banai, Mikulincer & Shaver, 2005; Mesquita, 2013) é uma escala de autorrelato que foi construída tendo por base as ideias de Kohut (1988) no que respeita à ligação ao Objeto Amoroso como forma de colmatar as falhas sentidas ao nível do desenvolvimento do *Self*. Permite avaliar as necessidades de objetos do *Self* de espelhamento, de idealização e de *twinsip* e a negação da necessidade de espelhamento e negação da necessidade de idealização/*twinsip* (Banai, Mikulincer & Shaver, 2005).

Ao responder ao SONI, o sujeito avalia o grau em que cada item o descreve numa escala de 7 pontos, de "completamente em desacordo" (1) a "completamente em acordo" (7). É constituída por 38 itens: 8 itens para o **fator 1 - necessidade de *twinsip*** (e.g. *Para mim é importante sentir que eu e um amigo chegado estamos no mesmo barco; Procuo pessoas que partilhem dos meus valores, opiniões e atividades*); 11 itens para o **fator 2 - negação da necessidade de idealização e *twinsip*** (e.g. *não me envolvo com pessoas que tenham problemas idênticos aos meus; Prefiro não ser amigo/a de pessoas que são demasiado idênticas a mim*); 7 itens para o **fator 3 - necessidade de idealização** (e.g. *A ligação a pessoas de sucesso faz-me sentir também uma pessoa de sucesso; Para mim é importante pertencer a grupos com elevado estatuto social e com "glamour"*); 6 itens para o **fator 4 - necessidade de espelhamento** (e.g. *Para me sentir bem sucedido/a, eu necessito do reforço e aprovação por parte dos outros; Não funciono bem em situações em que recebo muita pouca atenção*) e 6 itens para o **fator 5 - negação da necessidade de espelhamento** (e.g. *Não tenho necessidade de ser encorajado e apoiado por outros; Não necessito do elogio dos outros*).

Banai, Mikulincer e Shaver (2005) consideram que os resultados que obtiveram com diferentes amostras revelam que o instrumento operacionaliza bem a teoria de Kohut acerca das necessidades de objetos do *Self* e mostram que o SONI apresenta boas qualidades psicométricas, incluindo consistência interna, precisão teste reteste e validade convergente e discriminante.

3.2.2 Relationship Rating Form–Revised (RRF-R)

A versão original deste instrumento, Relationship Assessment Scale (Davis, 1996 citado por Lind, 2008), era composta por 68 itens e foi traduzida, adaptada e revista para a população portuguesa por Lind (2008) que encontrou uma estrutura fatorial da RRF de Davis (1996, citado por Lind, 2008) que não correspondia às dimensões teóricas, propostas pelo autor e que se distinguia entre mulheres e homens. Foram eliminados 22 itens da versão original da RRF com critérios preestabelecidos, nomeadamente, itens com baixos valores de saturação e itens que revelaram uma ambiguidade entre os sexos em relação ao fator associado. Desta revisão surgiram 4 fatores, **o primeiro - Paixão**, sentimentos face ao parceiro, com 19 itens (e.g. *Aceita esta pessoa tal como ela é?*), **o segundo - Confiança**, confiança que o parceiro inspira, com 14 itens (e.g. *Pode contar com esta pessoa em alturas de necessidade?*), **o terceiro - Conflitos**, aspetos negativos da relação, com 7 itens invertidos (e.g. *Esta pessoa trata-o(a) de maneira injusta?*), e **o quarto - Intimidade**, conhecimento do parceiro e abertura no relacionamento, com 6 itens (e.g. *Esta pessoa é um bom ouvinte das suas ideias e planos?*).

São apresentadas aos participantes questões às quais devem responder através de uma escala de Likert de 9 pontos, em que 1 corresponde a “nada” e 9 a “completamente ou extremamente”, assinalando o número que melhor corresponde aos sentimentos em relação à outra pessoa.

Salienta-se ainda que a RRF-R oferece uma excelente consistência interna ao nível do questionário total (Lind, 2008). Obtiveram-se alphas de Cronbach para a escala total da RRF-R muito elevados (.98 para as mulheres e .97 para os homens) revelando-se ligeiramente superiores aos da versão original.

A validade externa ou empírica foi verificada através de correlações com a RAS (Relationship Assessment Scale), tendo-se verificado uma elevada validade concorrente entre estas escalas. Em geral, não se verificou um efeito significativo de desiderabilidade social.

3.2.3. Questionário de Forças Familiares (QFF)

O Questionário de Forças Familiares (Melo & Alarcão, 2011) é um instrumento de auto-relato, construído para avaliar a perceção que as famílias têm das suas forças familiares, sendo composto por 29 itens avaliados numa escala do tipo *Likert* de cinco

pontos (1 – Nada parecidas; 2 – Pouco parecidas; 3 – Mais ou menos parecidas; 4 – Bastante parecidas; 5 – Totalmente parecidas). A cotação é obtida pela soma das pontuações dos itens, sendo o Índice Global de Forças Familiares obtido pelo somatório das pontuações dos itens da escala total.

O Questionário de Forças Familiares divide-se em quatro **sub-escalas** que avaliam **Organização Familiar Positiva**, constituída por 10 itens (e.g. *Na minha família acreditamos que em conjunto conseguimos sempre encontrar maneira de lidar com os problemas*) **Crenças Familiares Positivas** constituída por 7 itens (e.g. *Na minha família acreditamos que todos temos algo a cumprir, uma espécie de missão*), **Gestão Positiva e Suporte Familiar** constituída por 7 itens (e.g. *Na minha família sabemos a que sítios temos que nos dirigir para cada dificuldade que surge*), e **Emoções Positivas** constituída por 5 itens (e.g. *Na minha família somos otimistas e procuramos ver sempre o lado positivo das coisas*).

O estudo que teve por objetivo a avaliação das propriedades psicométricas deste instrumento contou com uma amostra clínica de 111 participantes (mães, pais e avós) que pertenciam a famílias que recebiam algum tipo de apoio social no Norte e Centro de Portugal. Para avaliar a validade de constructo, as autoras realizaram uma análise fatorial exploratória, usando uma análise em componentes principais, seguida de rotação Promax.

Em termos gerais, o questionário apresentou boas propriedades psicométricas, nomeadamente de validade de constructo, validade convergente e fidelidade. Relativamente à consistência interna das escalas, apresentou valores de alpha de Cronbach de .95 para a escala global e ,90, ,87, ,84 e ,84 para as sub-escalas Organização Familiar Positiva, Crenças Familiares Positivas, Gestão Positiva dos Recursos, Suporte Familiar e Resolução de Problemas e Emoções Positivas respetivamente, o que permite recomendar a sua utilização futura (Melo e Alarcão, 2011).

CAPÍTULO VI

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

1. *Análises Preliminares*

Preliminarmente realizou-se a análise do tipo de necessidades de objetos do *Self* que se evidenciam mais, qual o grau de satisfação com a relação e qual a percepção das forças familiares, a partir dos resultados obtidos nas sub-escalas do SONI, RRF-R e QFF.

Nas tabelas nº 2, nº 3 e nº 4 podemos apreciar as estatísticas descritivas dos valores obtidos pelos sujeitos nessas sub-escalas. Nelas indicamos os valores mínimos e máximos, médias e respectivos desvios padrão.

Partindo do pressuposto que o outro em relação tem como função reparar falhas narcísicas existentes no indivíduo, procedeu-se ao estudo das necessidades de objeto do *Self*, com recurso à **escala de Necessidades de Objetos do Self - SONI**. Ao analisar-se qual o fator desta escala, mais frequente na amostra, verificou-se que os sujeitos obtiveram valores mais elevados no fator 1, ou seja, *Necessidade de Twinship* (M=4,57) e mais baixos no fator 2 - *Negação da necessidade de idealização e twinship* (M=3,13).

Tabela 2 – Estatística Descritiva da Escala SONI (Escala de pontuação 1 a 7)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Necessidade de <i>Twinship</i>	89	1,13	7,00	4,57	1,20
Negação da necessidade de idealização e <i>twinship</i>	89	1,00	5,00	3,13	1,00
Necessidade de idealização	89	1,00	6,00	3,28	1,16
Necessidade de espelhamento	89	1,33	6,67	4,17	1,07
Negação da necessidade de espelhamento	89	1,50	7,00	3,73	1,09

No RRF-R, **Relationship Rating Form–Revised**, os sujeitos obtiveram valores mais elevados na sub-escala Paixão (M=6,76) e mais baixos na sub-escala Conflitos (M=5,72).

Relembra-se que a escala utilizada apresenta a possibilidade de resposta entre o item 1 ao 9, tendo-se verificado uma média de respostas situada nos 6.44 (DP=1,49), considerando-se assim níveis altos de satisfação na relação.

Tabela 3 – Estatística Descritiva do Questionário RRF-R (Escala de pontuação 1 a 9)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Paixão	89	2,68	9,00	6,76	1,45
Confiança	89	2,29	9,00	6,33	1,89
Conflitos	89	2,43	9,00	5,72	1,73
Intimidade	89	1,83	9,00	6,50	1,65
Total RRF-R	89	2,90	9,00	6,44	1,49

Quanto aos resultados obtidos no **QFF - Questionário de Forças Familiares** destacou-se o fator Organização Familiar Positiva como o que mais contribuiu para a percepção das forças familiares, o qual obteve pontuações mais elevadas (M = 32,69)

É de salientar o fator emoções positivas apresenta o valor mais baixo de desvio-padrão, indicando que as respostas apresentam menor variabilidade em relação à média.

Tabela 4 – Estatística Descritiva do QFF (escala de pontuação 1 a 5)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Organização familiar positiva	89	13,00	50,00	32,69	10,26
Crenças familiares positivas	89	9,00	35,00	22,91	7,07
Gestão positiva e suporte familiar	89	9,00	35,00	23,95	6,11
Emoções positivas	89	6,00	25,00	16,14	5,14

2. Estudo das Características Psicométricas dos Instrumentos

2.1. Consistência Interna

A consistência interna dos questionários usados foi avaliada com recurso ao coeficiente de consistência interna alfa de Cronbach. A categorização dos valores de alfa segue o publicado em Hill (2005).

A análise da consistência informa-nos da proporção de variabilidade nas respostas, resultante da existência de diferenças entre os inquiridos. Assim, o alfa de Cronbach permite determinar o limite inferior da consistência interna de um grupo de variáveis ou itens. Este limite corresponderá à correlação que se espera obter entre a escala usada e outras escalas hipotéticas, do mesmo universo e com igual número de itens utilizados para medir a mesma característica, variando entre 0 e 1 (Pestana & Gageiro, 2008).

Os valores alcançados para o coeficiente de alpha de Cronbach dos instrumentos são apresentados no quadro abaixo.

Tabela 5 – Valores do Coeficiente de alpha de Cronbach dos Instrumentos

	SONI	RRF-R	QFF
Alpha de Cronbach	,809	,973	,966

Relativamente à aplicação da **escala SONI**, calculou-se o valor geral de alpha de Cronbach da escala, e visto esta ser constituída por cinco subescalas, procedeu-se ao cálculo de cada uma delas, individualmente.

Assim sendo, o valor de alpha de Cronbach alcançado na escala geral foi de ,81, revelando-se um bom indicador de consistência interna. Relativamente às subescalas que a constituem, a consistência interna variou entre um mínimo de ,64 (fraco mas aceitável) na dimensão Negação da necessidade de espelhamento a um máximo de ,83 (Bom) na dimensão Necessidade de *Twinship* (tabela 6).

Na versão traduzida para a população portuguesa, os valores variaram entre ,65 e ,83 (Mesquita, 2013).

Tabela 6– Consistência interna da Escala de necessidades de Objectos do Self (SONI)

	Alfa de Cronbach	Nº de itens
Necessidade de <i>Twinship</i>	,828	8
Negação da necessidade de idealização e <i>twinship</i>	,806	11
Necessidade de idealização	,785	7
Necessidade de espelhamento	,671	6
Negação da necessidade de espelhamento	,636	6
Total SONI	,809	38

No que respeita à aplicação da escala **Relationship Rating Form - Revised (RRF-R)** a consistência interna variou entre um mínimo de ,836 (bom) na dimensão Conflitos a um máximo de ,958 (excelente) na dimensão Confiança. O valor de alpha de Cronbach alcançado na escala geral foi de ,97, revelando-se um bom indicador de consistência interna (tabela 7)

Tabela 7 – Consistência interna do Questionário Relationship Rating Form-Revisto (RRF-R)

	Alfa de Cronbach	Nº de itens
Paixão	,943	19
Confiança	,958	14
Conflitos	,836	7
Intimidade	,869	6
RRF-R Total	,973	46

No Questionário de Forças Familiares (QFF) a consistência interna variou entre um mínimo de ,881 (Bom) na dimensão *Gestão positiva e suporte familiar* a um máximo de ,945 (excelente) na dimensão *Organização familiar positiva* (tabela 8).

Tabela 8 – Consistência interna do Questionário de Forças Familiares (QFF)

	Alfa de Cronbach	Nº de itens
Organização familiar positiva	,945	10
Crenças familiares positivas	,913	7
Gestão positiva e suporte familiar	,881	7
Emoções positivas	,908	5
Total QFF	,966	22

O valor do coeficiente de alpha de Cronbach obtido de ,96 no presente estudo aproxima-se do valor obtido no estudo original, que apresentou valores de alpha de Cronbach de ,95 para a escala global (Melo, 2011).

2.2. Análise de Correlações

2.2.1. Análise de Correlações entre as dimensões do SONI e do RRF-R

Encontrámos as seguintes coeficientes de correlação estatisticamente significativos entre as dimensões do SONI e o RRF-R:

A dimensão Paixão correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca com a Negação da necessidade de idealização e *twinsip* ($r = -,304$) e com a Necessidade de espelhamento ($r = -,211$).

A dimensão Confiança correlaciona-se de forma significativa, negativa e moderada ou muito fraca com a Negação da necessidade de idealização e *twinsip*

($r = -,402$) e com a Necessidade de espelhamento ($r = -,238$) e de forma positiva e fraca com Necessidade de idealização ($r = ,285$).

A dimensão Conflitos correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca com a Negação da necessidade de idealização e *twinsip* ($r = -,239$).

A dimensão Intimidade correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca com a Negação da necessidade de idealização e *twinsip* ($r = -,267$) e de forma positiva e fraca com Necessidade de idealização ($r = ,258$).

Tabela 9 – Correlações entre a escala SONI e o questionário RRF-R

	Paixão	Confiança	Conflitos	Intimidade	Total RRF-R
Necessidade de <i>Twinsip</i>	,010	-,028	,000	-,021	-,018
Negação da necessidade de idealização e <i>twinsip</i>	-,304**	-,402**	-,239*	-,267*	-,357**
Necessidade de idealização	,189	,285**	,121	,258*	,246*
Necessidade de espelhamento	-,211*	-,238*	-,166	-,149	-,227*
Negação da necessidade de espelhamento	,103	,084	-,013	,068	,081

* $p \leq 0,01$ ** $p \leq 0,001$

2.2.2. Análise de Correlações entre as dimensões do SONI e do QFF

Encontrámos as seguintes coeficientes de correlação estatisticamente significativos entre as **dimensões da escala SONI e do QFF**:

A necessidade de idealização correlaciona-se de forma significativa, positiva e fraca com as dimensões organização ($r = ,392$), gestão ($r = ,376$) e emoções ($r = ,379$) e de forma positiva e moderada com a dimensão crenças ($r = ,488$)

Tabela 10 – Correlações entre a escala SONI e o QFF

	Organização	Crenças	Gestão	Emoções
Necessidade de <i>Twinsip</i>	,051	,159	,159	,067
Negação da necessidade de idealização e <i>twinsip</i>	-,184	-,183	-,111	-,234*
Necessidade de idealização	,392**	,488**	,376**	,379**
Necessidade de espelhamento	-,039	,004	,015	-,091
Negação da necessidade de espelhamento	-,055	-,016	,028	,059

* $p \leq 0,01$ ** $p \leq 0,001$

2.2.3. Análise de Correlações entre as dimensões do RRF-R e do QFF

Os coeficientes de correlação entre as **dimensões do RRF-R e do QFF** são todos estatisticamente significativos, positivos e moderados.

Tabela 11 – Correlações entre a escala RRF-R e o QFF

	Organização	Crenças	Gestão	Emoções
Paixão	,588**	,658**	,592**	,731**
Confiança	,617**	,678**	,561**	,698**
Conflitos	,519**	,501**	,480**	,529**
Intimidade	,521**	,568**	,454**	,610**
Total RRF-R	,642**	,696**	,606**	,743**

* $p \leq 0,01$ ** $p \leq 0,001$

3. Estudo das Hipóteses

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão e estatística inferencial). O nível de significância para aceitar ou rejeitar a hipótese nula foi fixado em $(\alpha) \leq 0,05$.

As hipóteses nº 1, nº 3 e nº 5 foram testadas com o teste *t de Student* para amostras independentes, pois estamos a comparar dois grupos e as variáveis dependentes eram de tipo quantitativo.

A hipótese nº 2 foi testada com a *Anova One-way*¹. Os pressupostos do teste *t de Student e Anova One-Way*, nomeadamente o pressuposto de normalidade de distribuição e o pressuposto de homogeneidade de variâncias foram analisados com os testes de *Kolmogorov-Smirnov* e teste de *Levene*. Nas situações em que a dimensão das amostras é superior a 30 aceitou-se a normalidade de distribuição de acordo com o teorema do limite central.

A hipótese nº 4 foi testada com o coeficiente de correlação momento-produto de *Pearson*.

As hipóteses nº 6 e nº 7 foram testadas com o modelo de regressão linear múltipla. Os pressupostos deste modelo, designadamente a linearidade da relação entre as variáveis independentes e a variável dependente (análise gráfica), independência de resíduos (teste de Durbin-Watson), normalidade dos resíduos (teste de Kolmogorov-Smirnov), multicolinearidade (VIF e Tolerance) e homogeneidade de variâncias (análise gráfica) foram analisados e encontravam-se genericamente satisfeitos.

¹ A ANOVA analisa o efeito de um fator (variável independente de natureza qualitativa-nominal e ordinal) na variável endógena (variável dependente-de natureza quantitativa), testando se as médias da variável endógena em cada categoria do fator são ou não iguais entre si. Uma vez que a ANOVA apenas permite saber se há ou não diferenças os valores médios, recorre-se *a posteriori* para saber quais os que diferem entre si (Pestana e Gageiro, 2008).

A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 22.0 para Windows.

O efeito de moderação foi analisado com a Macro para o SPSS de Andrew F. Hayes denominada PROCESS.

Estudo de H1: Existem diferenças de género estatisticamente significativas na satisfação com a relação e na percepção de forças familiares.

As diferenças entre homens e mulheres não são estatisticamente significativas ($p > ,05$).

Tabela 12 – Significância das diferenças do Género face a satisfação com relação e Percepção das Forças familiares

	Masculino		Feminino		Sig.
	M	Dp	M	DP	
RRF-R					
Paixao	6,51	1,35	6,87	1,49	,380
Confiança	6,33	1,69	6,33	1,99	,998
Conflitos	5,60	1,73	5,77	1,75	,676
Intimidade	6,57	1,41	6,48	1,75	,816
Total RRF	6,34	1,39	6,48	1,54	,676
QFF					
Organização familiar positiva	30,48	8,83	33,52	10,72	,212
Crenças familiares positivas	21,60	5,85	23,42	7,48	,278
Gestão positiva e suporte familiar	22,60	5,39	24,48	6,34	,193
Emoções positivas	14,64	4,76	16,73	5,20	,084

Assim, a Hipótese colocada não pode ser confirmada, uma vez não se verificarem diferenças de género estatisticamente significativas. Deste modo, rejeita-se a hipótese 1.

Estudo de H2: A escolaridade influencia a satisfação na relação e a percepção das forças familiares.

As diferenças em função da escolaridade não são estatisticamente significativas ($p > ,05$).

Tabela 13 – Significância das diferenças da escolaridade face à satisfação na relação e a percepção das forças familiares

	0-4 anos		5-6		7-9		10-12		Ens. superior		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
RRF											
Paixão	6,65	1,47	7,15	1,33	6,59	1,60	6,42	1,30	7,58	1,21	,211
Confiança	6,25	1,75	6,17	2,41	6,06	2,10	6,22	1,69	7,55	,78	,263
Conflitos	5,73	1,84	5,35	1,68	5,59	1,81	6,20	1,54	5,71	1,84	,726
Intimidade	6,63	1,57	6,79	1,71	6,18	1,95	6,11	1,41	7,53	,54	,141
Total RRF	6,39	1,54	6,52	1,59	6,22	1,71	6,29	1,28	7,28	,80	,366
QFF											
QFF_Orga.	28,78	9,96	32,25	12,63	32,80	11,01	31,83	6,45	40,45	8,10	,056
QFF_Crenças	21,61	6,95	23,33	8,41	22,53	7,56	21,56	6,09	27,82	4,31	,152
QFF_Gestao	22,72	6,62	25,67	6,14	23,83	6,22	22,11	5,83	27,45	4,13	,138
QFF_Emocões	14,44	5,44	16,67	5,85	16,07	5,53	15,72	3,89	19,27	3,69	,178

Deste modo, rejeita-se a hipótese 2.

Estudo de H3: A situação na relação influencia a satisfação na relação e a percepção das forças familiares.

Os sujeitos casados obtêm valores mais elevados em todas as dimensões da satisfação na relação e da percepção das forças familiares, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas ($p > ,05$). Deste modo, rejeita-se a hipótese 3.

Tabela 14– Significância das diferenças do estado civil face à satisfação na relação e a percepção das forças familiares

	Casamento		União de facto		Sig.
	M	Dp	M	DP	
RRF					
Paixao	6,85	1,50	6,71	1,43	,658
Confiança	6,43	2,13	6,26	1,74	,666
Conflitos	6,10	1,73	5,46	1,70	,084
Intimidade	6,59	1,65	6,45	1,67	,693
QFF					
Organização familiar positiva	33,46	11,04	32,10	9,75	,540
Crenças familiares positivas	23,27	7,76	22,65	6,62	,688
Gestão positiva e suporte familiar	24,43	6,71	23,62	5,69	,537
Emoções positivas	16,43	5,33	15,94	5,05	,660

Estudo de H4: A duração da relação influencia significativamente a satisfação na relação e a percepção das forças familiares.

Os coeficientes de correlação entre a duração da relação e a satisfação na relação e a percepção das forças familiares não são estatisticamente significativos. Deste modo, rejeita-se a hipótese 4.

Tabela 15 – Correlações entre a duração da relação e a satisfação na relação e a percepção das forças familiares

	Duração da relação
RRF	
Paixão	,035
Confiança	,107
Conflitos	,126
Intimidade	,067
Total RRF	,091
QFF	
Organização familiar positiva	-,070
Crenças familiares positivas	,025
Gestão positiva e suporte familiar	,092
Emoções positivas	-,036

Correlação momento-produto de Pearson.

Estudo de H5: Ter filhos influencia significativamente a satisfação com a relação e a percepção das forças familiares.

Os sujeitos sem filhos obtêm valores mais elevados em paixão, confiança, organização familiar positiva e gestão positiva e suporte familiar enquanto os sujeitos com filhos obtêm valores mais elevados em conflitos, intimidade, crenças familiares positivas e emoções positivas, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas ($p > ,05$). Deste modo, rejeita-se a hipótese 5.

Tabela 16 – Significância de diferenças entre ter filhos face à satisfação na relação e a percepção de forças familiares

	Sem filhos		Com filhos		Sig.
	M	Dp	M	DP	
RRF					
Paixão	6,82	1,67	6,77	1,40	,550 a)
Confiança	6,37	1,85	6,29	1,94	,730 a)
Conflitos	5,64	1,36	5,80	1,80	,736
Intimidade	6,56	1,55	6,47	1,70	,818 a)
QFF					
Organização familiar positiva	34,69	8,56	32,17	10,75	,384
Crenças familiares positivas	23,50	5,59	22,72	7,45	,694
Gestão positiva e suporte familiar	23,94	4,60	23,86	6,47	,964
Emoções positivas	16,13	4,57	16,14	5,33	,991

a) Teste de Mann-Whitney²

Estudo de H6 - As necessidades de objetos do Self e a satisfação com a relação são preditores significativos da percepção das forças familiares.

As necessidades de objetos do *Self* explicam 21,8% da variância da dimensão **organização familiar positiva** enquanto a satisfação com a relação explica 28,3% da variância da dimensão organização familiar positiva. O modelo global é estatisticamente significativo, $F(9, 79) = 8,808, p = ,001$.

Tabela 17 – Resumo do modelo da variância da dimensão organização familiar positiva

Modelo	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,466	,218	,170	9,349
2	,708	,501	,444	7,653

As variáveis Necessidade de idealização, $\beta = 2,183, t(79) = 2,713, p = ,008$, e a dimensão da satisfação com a relação Conflitos, $\beta = 1,236, t(79) = 2,038, p = ,045$, revelaram-se estimadores significativos da organização familiar positiva. Como os coeficientes são positivos isso significa que quanto mais elevadas são a necessidade de idealização e a existência de menos conflitos mais elevada é a organização

² O Teste de Mann-Whitney, baseado nas ordenações da variável, compara o centro de localização das duas amostras, como forma de detetar diferenças entre as duas populações correspondentes. Permite verificar a igualdade dos comportamentos de dois grupos de caso. Pretende testar a hipótese de duas populações serem iguais em tendência central contra a hipótese das duas populações não serem iguais em tendência central (Pestana & Gageiro, 2008).

familiar positiva. Recordamos que quanto maior for a satisfação na relação na dimensão conflitos, menor é a avaliação dada nesta dimensão.

Tabela 18 – Coeficientes

Modelo	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
	B	Std. Error	Beta			
1	(Constante)	29,638	6,743		4,395	,000
	SONI_T	-,110	1,013	-,013	-,109	,913
	SONI_NI	-2,512	1,112	-,245	-2,259	,027
	SONI_I	3,857	,888	,439	4,344	,000
	SONI_Ep	-,303	1,252	-,032	-,242	,809
	SONI_NE	-,001	1,022	,000	-,001	,999
2	(Constante)	,305	7,194		,042	,966
	SONI_T	-,346	,834	-,041	-,415	,680
	SONI_NI	,060	1,034	,006	,058	,954
	SONI_I	2,183	,805	,248	2,713	,008**
	SONI_Ep	,700	1,040	,073	,673	,503
	SONI_NE	-,679	,856	-,073	-,794	,430
	RRF_Paixao	1,902	1,124	,269	1,692	,095
	RRF_Confiança	1,797	1,050	,333	1,711	,091
RRF_Conflitos	1,236	,606	,209	2,038	,045*	
RRF_Intimidade	-,789	1,027	-,127	-,768	,445	

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$

As necessidades de objetos do *Self* explicam 31,6% da variância da dimensão **Crenças familiares positivas** enquanto a satisfação com a relação explica 31,2% da variância da dimensão Crenças familiares positivas. O modelo global é estatisticamente significativo, $F(9, 79) = 14,788$, $p = ,001$

Tabela 19 – Resumo do modelo da variância da dimensão Crenças familiares positivas

Modelo	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,562	,316	,275	6,026
2	,792	,628	,585	4,558

As variáveis Necessidade de idealização, $\beta = 1,920$, $t(79) = 4,005$, $p = ,001$, e as dimensões da satisfação com a relação Paixão, $\beta = 1,894$, $t(79) = 2,829$, $p = ,006$ e Confiança, $\beta = 1,448$, $t(79) = 2,315$, $p = ,023$, revelaram-se estimadores significativos da Crenças familiares positivas. Como os coeficientes são positivos isso

significa que quanto mais elevadas são a necessidade de idealização, a paixão e a confiança mais elevadas são as crenças familiares positivas.

Tabela 20- Coeficientes

Modelo	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
	B	Std. Error	Beta			
1	(Constant)	15,861	4,347		3,649	,000
	SONI_T	,457	,653	,078	,701	,485
	SONI_NI	-1,967	,717	-,279	-2,743	,007
	SONI_I	3,152	,572	,520	5,508	,000
	SONI_Ep	-,151	,807	-,023	-,187	,852
	SONI_NE	,374	,659	,058	,567	,572
2	(Constant)	-5,286	4,285		-1,234	,221
	SONI_T	,294	,497	,050	,591	,556
	SONI_NI	-,038	,616	-,005	-,062	,951
	SONI_I	1,920	,479	,317	4,005	,000***
	SONI_Ep	,560	,619	,085	,903	,369
	SONI_NE	-,206	,510	-,032	-,405	,686
	RRF_Paixao	1,894	,669	,389	2,829	,006**
	RRF_Confiança	1,448	,625	,389	2,315	,023*
RRF_Conflitos	,465	,361	,114	1,289	,201	
RRF_Intimidade	-,853	,612	-,199	-1,395	,167	

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

As necessidades de objetos do *Self* explicam 18,6% da variância da dimensão **Gestão positiva e suporte familiar** enquanto a satisfação com a relação explica 29,9% da variância da dimensão Gestão positiva e suporte familiar. O modelo global é estatisticamente significativo, $F(9, 79) = 8,261$, $p = ,001$.

Tabela 21 – Resumo do modelo da variância da dimensão Gestão positiva e suporte familiar

Modelo	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,432	,186	,137	5,679
2	,696	,485	,426	4,631

As variáveis Necessidade de idealização, $\beta = 1,163$, $t(79) = 2,388$, $p = ,019$, e a dimensão da satisfação com a relação Paixão, $\beta = 2,009$, $t(79) = 2,953$, $p = ,004$, revelaram-se estimadores significativos da Gestão positiva e suporte familiar. Como os

coeficientes são positivos isso significa que quanto mais elevadas são a necessidade de idealização e a paixão mais elevada é a Gestão positiva e suporte familiar.

Tabela 22– Coeficientes

Modelo	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
	B	Std. Error	Beta			
1	(Constant)	17,379	4,096		4,243	,000
	SONI_T	,517	,615	,102	,841	,403
	SONI_NI	-1,177	,676	-,193	-1,742	,085
	SONI_I	2,041	,539	,390	3,785	,000
	SONI_Ep	-,121	,761	-,021	-,159	,874
	SONI_NE	,454	,621	,082	,732	,466
2	(Constant)	-4,478	4,353		-,110	,913
	SONI_T	,321	,505	,063	,635	,527
	SONI_NI	,287	,626	,047	,460	,647
	SONI_I	1,163	,487	,222	2,388	,019*
	SONI_Ep	,521	,629	,091	,828	,410
	SONI_NE	,036	,518	,006	,069	,945
	RRF_Paixao	2,009	,680	,478	2,953	,004**
	RRF_Confiança	,935	,635	,291	1,472	,145
RRF_Conflitos	,592	,367	,168	1,614	,111	
RRF_Intimidade	-1,071	,621	-,289	-1,723	,089	

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$

As necessidades de objetos do *Self* explicam 25,4% da variância da dimensão **Emoções positivas** enquanto a satisfação com a relação explica 37,1% da variância da dimensão Emoções positivas. O modelo global é estatisticamente significativo, $F(9, 79) = 14,617, p = ,001$.

Tabela 23– Resumo do modelo da variância da dimensão Emoções positivas

Modelo	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,504	,254	,209	4,572
2	,790	,625	,582	3,324

As variáveis Necessidade de idealização, $\beta = 1,043, t(79) = 2,985, p = ,004$ e a dimensão Paixão, da satisfação com a relação, $\beta = 1,897, t(79) = 3,884, p = ,001$, revelaram-se estimadores significativos da dimensão Emoções positivas. Como os

coeficientes são positivos isso significa que quanto mais elevadas são a necessidade de idealização e a paixão mais elevada é a dimensão Emoções positivas.

Tabela 24– Coeficientes

Modelo	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
	B	Std. Error	Beta			
1	(Constant)	13,127	3,298		3,980	,000
	SONI_T	,101	,495	,024	,203	,840
	SONI_NI	-1,655	,544	-,323	-3,043	,003
	SONI_I	1,923	,434	,437	4,428	,000
	SONI_Ep	-,200	,612	-,042	-,327	,745
	SONI_NE	,607	,500	,130	1,215	,228
	(Constant)	-4,168	3,125		-1,334	,186
2	SONI_T	-,038	,362	-,009	-,106	,916
	SONI_NI	-,274	,449	-,054	-,611	,543
	SONI_I	1,043	,350	,237	2,985	,004**
	SONI_Ep	,335	,452	,070	,742	,460
	SONI_NE	,169	,372	,036	,454	,651
	RRF_Paixao	1,897	,488	,536	3,884	,000***
	RRF_Confiança	,615	,456	,227	1,348	,181
RRF_Conflitos	,355	,263	,120	1,347	,182	
RRF_Intimidade	-,440	,446	-,142	-,988	,326	

* $p \leq 0,01$ ** $p \leq 0,001$

Do estudo realizado para a Hipótese 6: As necessidades de objetos do *Self* e a satisfação com a relação são preditores significativos da percepção das forças familiares, verificou-se que esta foi confirmada parcialmente.

Estudo de H7– As necessidades dos objetos do *Self* (nomeadamente as necessidades de *twinsip*, de idealização e de espelhamento e a negação das necessidades de idealização/*twinsip* e de espelhamento) são variáveis moderadores na relação entre a satisfação com a relação e a percepção das forças familiares.

O efeito de interação entre a necessidade de objeto de *twinsip* e a satisfação na relação é significativo ($t = -4,009$, $p = 0,001$), veja-se tabela 25. Conclui-se assim que existe efeito de moderação e este tem um efeito positivo ($\beta = 1,142$) na percepção das forças familiares.

O efeito de interação entre a necessidade de objeto de negação da necessidade de idealização e *twinsip* e a satisfação com a relação não é significativo ($t = -1,313$, $p = 0,261$), veja-se tabela 26. Conclui-se assim que não existe efeito de moderação sobre a percepção das forças familiares.

Tabela 25– Efeito de moderação com a Necessidade de Twinship

Variáveis	Beta
Necessidade de <i>Twinship</i>	-6,917***
Satisfação com a relação	-2,331
Interação	1,142***
R ²	,584
F(3, 85)	39,813***

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

*Tabela 26– Efeito de moderação com a Negação da necessidade de idealização e *twinsip**

Variáveis	Beta
Negação da necessidade de idealização e <i>twinsip</i>	-8,077
Satisfação com a relação	4,708***
Interação	-0,437
R ²	,501
F(3, 85)	28,516***

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

O efeito de interação entre a necessidade de objeto de idealização e a satisfação com a relação não é significativo ($t=0,944$, $p=0,347$), veja-se tabela 27. Conclui-se assim que não existe efeito de moderação sobre as forças familiares.

O efeito de interação entre a necessidade de objeto de espelhamento e a satisfação com a relação não é significativo ($t=0,964$, $p=0,337$), veja-se tabela 28. Conclui-se assim que não existe efeito de moderação sobre as forças familiares.

Tabela 27– Efeito de moderação com a necessidade de idealização

Variáveis	Beta
Necessidade idealização	-0,054
Satisfação com a relação	2,061*
Interação	0,262
R ²	,568
F(3, 85)	37,389

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

Tabela 28 – Efeito de moderação com a necessidade de espelhamento

Variáveis	Beta
Necessidade espelhamento	-1,002
Satisfação com a relação	2,034
Interação	0,281
R ²	,512
F(3, 85)	29,764***

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

O efeito de interação entre a necessidade de objeto de negação da necessidade de espelhamento e a satisfação com a relação não é significativo ($t=-0,362$, $p=0,718$), veja-se tabela 29.

Tabela 29 – Efeito de moderação com a necessidade de objeto de negação da necessidade de espelhamento

Variáveis	Beta
Neg. necessidade espelhamento	0,464
Satisfação com a relação	3,635**
Interacção	-0,118
R ²	,494
F(3, 85)	27,696***

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

Relativamente à Hipótese nº 7 conclui-se assim que existe efeito de moderação entre a necessidade de objeto de *twins* e a satisfação na relação e este tem um efeito positivo na percepção das forças familiares.

CAPÍTULO VII

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a apresentação e análise dos resultados, efetuadas no capítulo anterior, irá proceder-se, de seguida, à discussão dos mesmos, tendo por base os objetivos deste estudo, bem como a revisão de literatura efetuada.

Importa referir que a discussão dos resultados se encontra circunscrita ao presente estudo, e que este se debruça sobre uma amostra de sujeitos provenientes de famílias multiproblemáticas.

Tratando-se de um estudo exploratório, começou por se caracterizar os participantes no mesmo, constatando-se que alguns dados sociodemográficos correspondem a características referidas na investigação com população portuguesa, nomeadamente: mulheres como figuras centrais na interação com os técnicos, situação de não enquadramento profissional, desemprego (Hespanha et al. citado por Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007; Sousa, 2005).

A nossa amostra constituiu-se, assim, por 72% de mulheres e 28% de homens. Fizeram parte da mesma sujeitos com idades compreendidas entre os 25 e os 55 anos e com uma média de idades que se situou nos 38 anos; tendo-se vindo a verificar que a maior parte tinha filhos, nomeadamente 78,7% e 3,4% encontravam-se à espera de filhos e que a idade média dos filhos biológicos era de 10,6 anos e a dos enteados de 13,2 anos.

Relativamente à qualificação literária, encontramos algumas diferenças comparativamente com os dados de investigação com população portuguesa, na medida em que uma percentagem elevada da amostra, 53,9%, apresenta habilitações ao nível do 3º ciclo e secundário. Consideramos que tal poderá dever-se ao facto de as investigações referidas (Sousa, 2005; Hespanha et al., 2005, citado por Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007), se debruçarem, exclusivamente, sobre as famílias multiproblemáticas pobres e por outro lado, ao aumento verificado da escolaridade em públicos beneficiários de Acordos de Inserção e de Subsídio de Desemprego nos últimos anos, dado o aumento da oferta formativa e da integração deste tipo de Medidas nos referidos Acordos.

Destacamos que o número de participantes com escolaridade ao nível de 3º ciclo e secundário poderá favorecer que estes apresentem maiores níveis de elaboração cognitiva, o que diminuirá eventualmente, a margem para algum enviesamento dos resultados, uma vez ser possível compreenderem com mais clareza

o conteúdo dos itens ou se verificar a facilidade em se posicionarem numa escala de *Likert*, condicionalismos encontrados em estudos com famílias multiproblemáticas pobres em que se recorreu à metodologia utilizada no presente estudo.

Não encontramos relação entre a escolaridade e a satisfação conjugal ou a perceção de forças familiares. Também Johnson e O' Leary (1996 citado por Villa & Del Prette, 2005), não encontraram relação entre o nível de escolaridade e a satisfação conjugal.

Relativamente à situação face ao emprego verificamos na nossa amostra que 52% se encontram desempregados. Na revisão da literatura realizada encontramos que para além de todo o ambiente stressante encontrado na população com baixo nível socioeconómico, também se verifica que o desacordo relativamente às finanças é uma das principais razões que contribui para a insatisfação conjugal (Dakin & Wampler, 2008), situação que será mais frequente nos níveis socioeconómicos mais baixos (para o que concorre a baixa escolaridade e a dificuldade de integração profissional).

Também os estudos realizados por Conger, Rueter & Elder (1999) confirmam que acontecimentos e condições de vida stressantes, como a incapacidade para suportar as necessidades económicas básicas, podem influenciar a satisfação conjugal.

Consideramos importante referir que, em contextos diferentes (neste caso, sócioeconómico), há mapas diferentes para avaliar a realidade (conjugalidade), o que pode fazer com que aquilo que é tomado como indicador negativo da conjugalidade num determinado contexto (nível sócio-económico médio-alto/alto) não o seja noutro (nível socioeconómico baixo).

O estudo de Hespanha et al. (2005, citado por Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007) destacou também como principais problemas identificados em 150 famílias multiproblemáticas portuguesas (pobres), os baixos níveis educacionais e a escassez de rendimentos, resultante da combinação de diversos fatores, nomeadamente do desemprego ou trabalho precário.

Quanto à existência de relações instáveis, referidas na investigação portuguesa (Sousa, 2005), o mesmo também não se verifica de forma tão evidente neste estudo, sendo de 6 anos o tempo médio da relação em que os participantes no estudo se encontram atualmente e só 25% referirem ter tido relações anteriores, apesar da média de idades dos filhos se situar nos 10,6 anos e a idade dos enteados nos 13,2 anos.

Consideramos que o facto de termos definido como critério da nossa amostra os sujeitos se encontrarem numa relação amorosa há pelo menos 2 anos e a possível preocupação com a deseabilidade social poder justificar estes resultados, comparativamente com os estudos referidos anteriormente.

Verificámos, nos resultados obtidos no tratamento de dados realizado, que não se encontra uma relação estatisticamente significativa entre a duração da relação, a satisfação com a relação e a percepção das forças familiares.

Relativamente à influência do tempo de relação na satisfação na relação, encontramos na literatura revista duas correntes de pensamento: uma que defende que, após a fase inicial de casamento, existe um declínio na Satisfação Conjugal que se mantém ao longo dos anos; outra que defende que a satisfação conjugal se desenvolve de acordo com um padrão curvilíneo (Levenson, Cartensen & Gottman, 1994 citados por Narciso, 2001).

Considerando o tempo médio de relação dos nossos participantes no estudo, remetemos para o modelo DeFrank-Lynch (1986, citado por Relvas, 1996) o qual considera a primeira etapa da vida de casal, primeiros 10 anos de casamento, a etapa em que o casal está orientado para a relação, o que poderá justificar o nível de satisfação na relação apresentado pelos nossos participantes.

Outros estudos consultados (e. g. Torres, 2000; Torres, 2002) revelam que os indivíduos casados há mais de 10 anos já não destacam o amor, mas o companheirismo, amizade e apoio, como características que caracterizam a relação conjugal e contribuem para a avaliação da satisfação na relação.

Através da análise estatística descritiva efetuada, apresentada no capítulo anterior, verificou-se que os participantes no estudo avaliam a sua relação com bons níveis de satisfação, apresentando, a partir da escala utilizada a possibilidade de resposta entre o item 1 ao 9, uma média de respostas situada nos 6,44. É a dimensão Paixão a que mais contribui para o grau de satisfação na relação.

Relativamente a possíveis diferenças entre género, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas, entre homens e mulheres relativamente à Satisfação Conjugal Global Média e nas suas dimensões, tal como relativamente à percepção das forças familiares.

Estes resultados estão de acordo com os verificados por Crespo (2007) e por Gilford e Bengtson (1979 citado por Greeff & Malherbre, 2001) que não encontraram diferenças significativas entre os sexos na satisfação conjugal.

Por outro lado, nos resultados encontrados nos estudos realizados por Evenson, Carstensen e Gottman, 1993; Perlin, 2005 citado por Villa & Del Prette, os maridos relatam maiores níveis de satisfação conjugal do que as esposas.

Verificamos também que os coeficientes de correlação entre as dimensões da escala aplicada para avaliar a satisfação na relação (RRF-R) e a percepção das forças familiares (QFF) são todos estatisticamente significativos e positivos, o que nos indica que quanto maior for a satisfação na relação nas várias dimensões maior é a percepção de forças familiares.

Estes resultados parecem corroborar o que Gottman & Notarius (2000) defendem ao considerar que a satisfação conjugal assume funções protetoras que proporciona ferramentas essenciais para lidar com o *stress* e determinar o bem-estar da família, considerando-a o melhor preditor da satisfação geral com a vida familiar, e consideramos nós, pela relação verificada, com a percepção de forças familiares.

Salientam-se também os resultados positivos deste estudo ao nível da percepção das forças familiares, uma vez os participantes serem capazes de identificar forças familiares e perceberem valores médios, comparativamente com outros estudos (Melo, 2011; Melo & Alarcão, 2011; Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007) para os diferentes fatores da escala, nomeadamente: Crenças familiares positivas; Gestão positiva e suporte familiar; Emoções positivas e Organização familiar positiva, verificando-se que este último fator é o que mais contribui para a percepção de forças familiares.

Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo (2007) estudaram as competências percebidas nas famílias multiproblemáticas pobres pelos profissionais e pelas mesmas. Ambas as amostras foram capazes de identificar aspetos positivos do funcionamento e organização familiar, descrever objetivos que podem melhorar a vida das famílias, e indicar aspetos que funcionaram no passado. Entre os aspetos positivos mais mencionados no referido estudo, três são comuns a profissionais e membros de famílias multiproblemáticas pobres: união e apoio familiar, forte vínculo entre pais e filhos e capacidade de organização e partilha das tarefas de vida diária. Importa ainda sublinhar a importância que o apoio institucional assumiu para ambas as amostras. No entanto, as autoras referem que os profissionais manifestam ambiguidade na identificação de competências nestas famílias, levando a que muitas vezes se possam transformar em incompetências.

Relativamente à percepção das forças familiares, a dimensão emoções positivas é a menos pontuada pelos nossos participantes.

Segundo alguns autores (e.g. Linares, 1997; Minuchin et al., 1967) a expressão das emoções no seio das famílias multiproblemáticas reveste-se, frequentemente, de pouca partilha, mas de grande intensidade e pouco controlo, podendo verificar-se uma alternância, ou mesmo ocorrência simultânea, da expressão de emoções opostas, o que reforça as dificuldades a nível emocional. Por outro lado, os membros destas famílias acusam escassez de recursos ao nível da gestão das emoções, vivendo simplesmente cada momento e reagindo sem compreender ou contextualizar. Minuchin, Colapinto & Minuchin (2007) identificam duas modalidades de contacto, a partir das quais os padrões interacionais entre os membros destas famílias tipicamente se desenvolvem: o emaranhamento e o desligamento.

Relativamente ao casal, tal como referido no enquadramento teórico, a meta-comunicação desempenha um papel fundamental, ao permitir que estes renegoceiem a sua relação ao longo do seu ciclo de vida. Dobash e Dobash (2004, citado por Duarte, 2011) distinguem a comunicação positiva (validação, suporte e afeto positivo), da comunicação negativa entre cônjuges (tensão, hostilidade, antagonismo, dominância, negação, retirada ou evitamento e afeto negativo).

A satisfação da relação depende em muito da capacidade do casal gerar comunicação positiva, especialmente em situações de conflito ou crise. Reforçamos a importância da positividade e da comunicação positiva na relação conjugal, remetendo para trabalhos revistos no enquadramento teórico do presente estudo (Gottman & Silver, 2001; Gottman, Gottman & DeClair, 2006; Narciso, 2001; Rivero, 2013).

Wall (2005) defende que a comunicação verbal fundamenta, dois traços-chave das conjugalidades modernas: a construção de uma relação de intimidade e a negociação na vida conjugal. Um dos processos mais importantes da intimidade e da saúde emocional e física é o apoio emocional (envolve a compreensão, a valorização, o respeito, o cuidar, o dar atenção, o proteger, o amar e o preocuparmo-nos com o outro). Implica que nos descentremos de nós mesmos e que escutemos ativamente o parceiro.

Tal como já referido, os participantes avaliam a sua relação com um bom nível de satisfação. Relativamente à dimensão que menos se destaca, evidencia-se a dimensão dos conflitos, o que parece ir ao encontro dos resultados encontrados por Lind (2008), ao verificar que quanto maior o nível de satisfação na relação, menor a existência de conflitos.

Um estudo que sugere que o aumento dos sentimentos positivos nas relações amorosas está sobretudo dependente do aumento da intimidade, em detrimento da

diminuição de conflitos, é o realizado por Laurenceau, Troy e Carver (2005). Estes investigadores sugerem que a diminuição dos conflitos pode reduzir a ansiedade nas relações amorosas mas não conduz necessariamente a um aumento das emoções positivas. Russell-Chapin, Chapin e Sattler (2001) também enfatizam a importância da amizade profunda e dos tempos livres de qualidade que o casal vivencia como sendo fulcrais para a manutenção de um casamento satisfeito.

Num estudo já referido, de Liliana Sousa (2005) realizado em 2001 em Portugal com famílias multiproblemáticas pobres, foram identificadas a presença das seguintes categorias, como caracterizador das mesmas: comunicação confusa e relações conflituosas.

O funcionamento familiar refere-se aos padrões de relação que ligam os membros, destacando-se, nas famílias multiproblemáticas, a falta de um sentido de objetivos familiares, na medida em que dispendem as energias em conflitos imediatos e situações de emergência e sobrevivência (Weizman, 1985).

Segundo Linares (1997) a organização familiar, que é espelho da comunicação, é também caótica ou desagregada. Por organização familiar entendemos o espaço onde convergem as identidades dos membros, esta convergência nestas famílias é dificultada pela fragilidade do vínculo entre os elementos da família que não permite criar bases sólidas a nível emocional. Existem poucas rotinas e rituais e pouca delimitação relativamente ao espaço exterior que muitas vezes resulta em isolamento social visto que a informação circula em condições que não permitem o processamento.

Consideramos importante destacar que os conflitos são percecionados como problemáticos ou como indicadores da qualidade relacional em função das teorias implícitas acerca das relações que os indivíduos possuem (e.g., as crenças e objetivos que trazem para a relação). Também Gottman & Notarius (2000) mencionam que não há um nível ideal fora das relações para a quantidade ou modo de lidar com os conflitos, estando o sucesso conjugal relacionado sobretudo com a consonância entre os cônjuges do que para eles funciona, ou seja, como combinam os seus estilos de comunicação.

Gottman, Gottman & DeClair (2006) defendem que casais bem-sucedidos lidam com os conflitos de forma suave e positiva, reconhecendo a inevitabilidade dos conflitos e que existem problemas que nunca se resolvem. No entanto, os casais felizes não ficam presos nas suas posições díspares, procurando encontrar compromissos que satisfaçam ambas as partes.

Segundo Walsh (1998), o que mais importa para o funcionamento familiar saudável e para a resiliência são os processos familiares (sistema de crenças, padrões de organização e processos de comunicação), que envolvem a integração, manutenção e crescimento da unidade familiar.

Madsen (1999) defende a importância de enquadrar as histórias de vida destas famílias numa perspectiva mais positiva que permita descortinar as suas competências. Para o autor, a necessidade de responderem a sucessivas crises, procurando novas soluções, dá-lhes a aparência de caóticas e instáveis, mas revela, ao mesmo tempo, a preocupação em procurar soluções, demonstrando capacidade de resolver problemas, e de seguir em frente, com maior ou menor facilidade e sucesso. Por sua vez, Veroff et al. (1993; citado por Young, 2004) referem a capacidade para contar de forma positiva a história do casamento, como um aspeto importante para um compromisso conjugal positivo (logo, mais feliz).

No presente estudo, os participantes sem filhos obtêm valores mais elevados nas dimensões da satisfação na relação paixão e confiança, e nas dimensões das perceções das forças familiares organização familiar positiva, gestão positiva e suporte familiar. Os participantes com filhos obtêm valores mais elevados em conflitos, intimidade e destacam para a perceção das forças familiares as crenças familiares positivas e emoções positivas, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas.

Encontramos também uma vasta investigação no domínio da satisfação conjugal na transição para a parentalidade, sendo contudo um pouco paradoxal. Vários autores concluíram que não é a transição em si que provoca um declínio na relação conjugal, acreditando que a forma como cada casal se relaciona antes do nascimento do filho é que se mostra determinante da maneira como estes vivenciam a transição (Belsky, Spanier & Rovine, 1983; Levy-Shiff, 1994; Lewis, 1988, citados por Menezes & Lopes, 2007).

Grande parte dos estudos que relacionam a satisfação conjugal com a transição para a parentalidade indicam que a satisfação conjugal percebida pelo casal decresce, sobretudo quando os filhos são menores, uma vez que estes terão influência na qualidade e quantidade de tempo que o casal passa junto. No mesmo sentido, outros estudos sugerem que, após o nascimento do primeiro filho, a relação entre o casal tende a deteriorar-se, sendo que este declínio persistirá no tempo (Hackel & Ruble, 1992, citados por Glade, Bean & Vira, 2005).

Segundo Orbuch et al. (1996, citados por Narciso, 2001), os declínios da satisfação na relação têm sido fortemente associados à presença dos filhos. Esta presença, nos anos intermédios de casamento, parece afetar a relação devido à sobrecarga de tarefas domésticas e parentais, sobretudo para as mulheres, e também devido à diminuição de tempos livres e exclusivos do casal, podendo assim justificar-se a existência de maiores dificuldades ao nível da organização familiar positiva, gestão positiva e suporte familiar identificada nos participantes com filhos deste estudo.

Olson (1988, citado por Narciso, 2001) remete para a etapa “ninho vazio” como a fase em que se verifica o aumento progressivo da satisfação conjugal e vinculação ao cônjuge, podendo assim justificar-se nos nossos participantes pais sem filhos valores mais elevados em paixão, confiança e organização familiar positiva e gestão positiva e suporte familiar.

Vários estudos têm demonstrado que, após a saída dos filhos de casa, a maioria dos casais se reencontra, aumentando, assim, a qualidade de vida, a nível físico, social e psicológico, enquanto outros estudos consideram que não há alterações significativas na vida dos casais depois da saída de casa dos filhos (Bee, 1997).

Destaca-se que diversos autores, ao reverem a literatura sobre a satisfação conjugal e o ciclo de vida da família, concluem que os resultados são inconclusivos, inconsistentes e ambíguos, enfatizando a necessidade de novas pesquisas, e a inclusão de aspetos de mudança cultural (Schram, 1979).

No nosso estudo, os sujeitos casados obtêm valores mais elevados em todas as dimensões da satisfação com a relação e na perceção das forças familiares relativamente aos sujeitos que vivem em união de facto, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas. Remetemos para o estudo de Brown (2003), apresentado no enquadramento teórico, que tinha como objetivo principal verificar se a formalização da coabitação alterava a qualidade da relação, tendo-se verificado que a união formal não implica necessariamente um aumento na qualidade da relação.

Nas famílias caracterizadas como multiproblemáticas o tempo parece correr depressa. As etapas do ciclo vital sucedem-se sem tempo para que em cada etapa a família possa construir uma sólida identidade (Alarcão, 2000; Melo, 2011), o que poderá trazer dificuldades acrescidas neste tipo de análise.

A vida conjugal constrói-se numa sucessão de fases, para além de composições e recomposições identitárias e psicológicas de cada um dos elementos

do casal. As formas de perceber a conjugalidade não são rígidas ao longo de uma relação, são conjunturais e demarcadas no tempo, isto porque o significado que a família, e neste caso, o casal, assumem para o indivíduo, é variável, visto tratar-se de uma realidade relacional, dinâmica e possuidora de ciclos circunscritos na realidade social e cultural (Torres, 2000, Torres, 2002; Lalanda, 2005).

Essa sucessão de fases parece trazer consigo também novas condições e realidades materiais, como por exemplo o número e a idade dos filhos e a forma como o indivíduo se encontra integrado profissionalmente, que darão novos contornos a escolhas, ações e decisões, umas vezes enquanto estratégias de trajetória pessoal e familiar, outras por imposição externa ao indivíduo ou mesmo ao núcleo conjugal e familiar.

Ocorreram profundas transformações na sociedade contemporânea como a individuação, a reflexividade e a importância dada ao amor e às relações significativas para o indivíduo. A conjugalidade já não se baseia na herança, no património ou legado a deixar aos descendentes, mas sim no sentimento de partilha, de intimidade, de desvendamento mútuo e desejo de estar junto. As relações passam então a estar mais centradas no bem-estar emocional, no cariz relacional e afetivo e na paridade entre os indivíduos (Aboim, 2005; Giddens, 1993; Singly, 2000; Torres, 2002).

Uma relação amorosa poderá contribuir para um desenvolvimento do indivíduo, uma vez que o amor fortalece o *Self* e este, fortalecido, é capaz de estabelecer e desenvolver relações verdadeiras e com profundidade. A intensidade da relação amorosa possibilita uma interação entre duas pessoas que torna possível o contacto, ainda que inconsciente, com experiências relacionais da infância, quer tenham elas sido boas ou más (Mesquita, 2013).

Tal como referido no enquadramento teórico, Kohut (1988) destacou que as necessidades de objetos do *Self* que não foram satisfeitas durante a infância com as figuras de vinculação continuam presentes ao longo da vida do indivíduo. As experiências selfobjetais são necessárias para manter um *Self* coeso e equilibrado ao longo da vida, embora as necessidades mudem de acordo com a fase do ciclo vital.

Com a relação de casal inicia-se um processo de organização onde se desenha a identidade conjugal que não anula individualidades, sustentando que o terceiro protagonista da relação corresponde ao modelo específico do casal, contempla, entre uma série de dimensões, as histórias, as necessidades e as expectativas individuais, o reflexo das famílias de origem, a interferência das experiências partilhadas com os outros (Caillé, 1994).

Identificamos que a necessidade de objetos do Self que mais se destaca nos nossos participantes no estudo é a necessidade de objeto de *twinsip*, esta necessidade de objeto está relacionada com a necessidade de pertença, nomeadamente, de pertencer ao outro. Esta necessidade pode ser acentuada pelos laços familiares ou relações interpessoais empobrecidas ou pela baixa autoestima. Quando esta necessidade não é satisfeita, poderão ocorrer perturbações mentais, como ansiedade, depressão e/ou tendências suicidas (Duarte, 2012).

Relativamente ao possível efeito de interação entre a necessidade de objeto de *twinsip* e a satisfação na relação, concluiu-se que existe um efeito de moderação e que este tem um efeito positivo na perceção das forças familiares. O que não se verificou entre as restantes necessidades de objeto consideradas, nomeadamente as necessidades de idealização e de espelhamento e a negação das necessidades de idealização/*twinsip* e de espelhamento.

Tal como já foi referido, a necessidade revelada aponta para um nível de necessidade que se prende com a ligação a um outro semelhante, à necessidade de pertença e de estar em ligação, embora ainda não seja o outro visto como separado ou diferente, em todo o caso esta necessidade parece ter um efeito positivo na visão que as pessoas apresentam sobre a perceção das forças familiares. Consideramos que as outras necessidades não contribuem do mesmo modo porque são mais voltadas para o próprio e menos para a necessidade de estar em ligação.

A paixão e a confiança na avaliação da satisfação da relação correlacionam-se negativamente com a necessidade de objeto do *Self* que cumpra funções de espelhamento, na medida em que esta necessidade se prende mais com uma necessidade de que o outro cumpra uma função de valorização do próprio, por isso mesmo menos voltado para o outro e com a necessidade de confiança pois o outro está no lugar da função que se prende com a valorização e reconhecimento do próprio.

Verificamos que quanto mais elevada é a necessidade de objeto de idealização, a avaliação na dimensão paixão relativamente à satisfação na relação, mais elevadas são as crenças familiares positivas, a gestão positiva e suporte familiar e emoções positivas relativamente à perceção das forças familiares. Quando se verifica a existência de menos conflitos relativamente à satisfação na relação, mais elevada é a organização familiar positiva relativamente à perceção de forças familiares.

A necessidade de ligação a um outro que se idealiza e do qual se tem uma visão positiva e mais valorizada funciona com um outro securizante o que contribuirá para uma visão mais positiva das forças familiares, bem como uma maior satisfação com a relação.

Tais dados reforçam a importância que poderia ter para os participantes beneficiarem de acompanhamento ao nível da saúde mental.

Quanto ao acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, verificámos no nosso estudo que 64% da amostra nunca beneficiaram deste tipo de apoio. Atendendo ao facto da amostra ter sido recolhida por técnicos que desenvolvem trabalho com a família, o acompanhamento ao nível da saúde mental parece não ser assegurado nos planos de trabalho com os participantes neste estudo. Permanecerá a dúvida se tal facto se deve, entre outros possíveis motivos, à não identificação de necessidades a este nível, à indisponibilidade dos mesmos para este tipo de intervenção, à falta de recursos técnicos das instituições e/ou dificuldade de encaminhamento para outras instituições.

1. *Limitações do Estudo e Direções futuras*

Ao nível das limitações deste estudo, destaca-se o facto de a amostra ser reduzida, o que não permite generalizar os resultados. O reduzido tamanho da amostra relaciona-se com a dificuldade verificada para aplicação dos questionários, na identificação de possíveis participantes que reunissem os critérios definidos para integrar a amostra e na posterior disponibilização dos mesmos.

A revisão de literatura permitiu verificar a escassez de estudos sobre as famílias multiproblemáticas e conjugalidade nestas famílias em Portugal e ao papel que o outro, no estabelecimento da relação, exerce para o desenvolvimento do *Self*, à medida que responde a necessidades de espelhamento, idealização e gemealidade.

Consideramos que em futuras pesquisas seria interessante:

- Alargar o tamanho da amostra. Estamos cientes de que o nosso estudo não nos permite generalizar os nossos resultados para a esta população dado o carácter exploratório do estudo e as características do processo de amostragem.
- Abranger um maior número de elementos de cada família e/ou os dois elementos do casal. Uma das limitações identificada noutros estudos (e.g. Sousa & Ribeiro, 2005) é, precisamente, apenas considerar o ponto de vista de um dos elementos da família.

- Realizar um estudo longitudinal, considerando a variável do acompanhamento psicológico.
- Fica a sugestão da realização de um estudo que foque mais a perspetiva das famílias compreendendo as perspetivas que têm para si e ainda perceber que perceções tinham antes e depois da intervenção, visto que na presente procurou-se apenas explorar perceções atuais.
- O facto de se tratar de um estudo quantitativo, uma vez que os instrumentos nos permitem apenas chegar a dados numéricos, mas não às significações inerentes a esses mesmos dados.
- O facto dos instrumentos utilizados serem medidas de auto-relato, respondidos num momento particular. Os nossos resultados baseiam-se, assim, apenas nas perceções dos participantes (não sendo estas confirmadas por qualquer observador externo ou até pelo cônjuge) e num momento muito concreto em que vários fatores poderiam estar a influenciar as respostas, como, por exemplo, o estado emocional dos mesmos no momento, a presença dos aplicadores dos instrumentos (técnicos que acompanham a família). Consideramos que seria uma mais-valia complementar metodologias qualitativas com quantitativas.
- A realização de um estudo comparativo e nesse sentido utilizar os mesmos instrumentos do presente estudo com amostras diferentes.

Este estudo pretendeu contribuir para o aprofundamento sobre as inter-relações entre as necessidades de objetos do *Self*, satisfação na relação e a perceção de forças na família.

Embora a satisfação na relação seja vulgarmente estudada na área da Psicologia, a sua associação com a perceção das forças familiares e/ou as necessidades de objetos do *Self* tem sido pouco investigada, e neste sentido, os resultados obtidos permitem-nos perceber que existe uma relação entre as várias dimensões a que as sub-escalas dos instrumentos nos permitiram aceder, influenciando-se mutuamente. Neste sentido, este estudo permitiu alguns avanços no conhecimento sobre estas relações, e poderá servir de ponto de partida para investigações futuras.

Salientam-se não só os contributos para a intervenção e para a investigação, como aqueles que são extensíveis à investigadora e, espera-se, aos participantes, já que este trabalho parece ter sido gratificante para ambas as partes. Apesar de não ser

objetivo direto, a participação no estudo proporcionou posteriormente momentos de reflexão sobre as suas relações, o que, no fundo, constitui intervenção, sendo que a maioria dos participantes apesar de considerarem os instrumentos longos, e morosos de resposta, verbalizavam satisfação com a possibilidade de abordar as temáticas inerentes com os técnicos e as possíveis implicações no trabalho conjunto.

Espera-se que o presente estudo contribua como motor para novas investigações nesta área e reforce a importância do papel do psicólogo e das medidas de apoio à família em contextos de intervenção social.

CAPÍTULO VIII

CONCLUSÃO

Tratando-se de um estudo exploratório, começou por se caracterizar os participantes no mesmo, constatando-se que alguns dados sociodemográficos correspondem, a características já referidas em investigações com população portuguesa, nomeadamente: mulheres como figuras centrais na interação com os técnicos, situação predominante de desemprego.

Contrariamente ao verificado noutros estudos, uma percentagem elevada da amostra, 53,9%, apresenta habilitações ao nível do 3º ciclo e secundário.

Encontrámos algumas discrepâncias relativamente à duração das relações e à existência de instabilidade nas relações, aspeto referido em investigações com população portuguesa. Assim, apesar da média de idade dos filhos se situar nos 10,6 anos e a idade dos enteados nos 13,2 anos, o tempo médio de relação referido é de 6 anos e só 26% referiram ter tido relações anteriores.

Verificámos, nos resultados obtidos no tratamento de dados realizado, que não se encontrou uma relação entre a duração da relação, a satisfação com a relação e a perceção de forças familiares.

Não encontrámos diferenças estatisticamente significativas entre os participantes casados e os que se encontram em união de facto, relativamente à satisfação com a relação e à perceção das forças familiares.

Não encontrámos relação entre a escolaridade e a satisfação na relação ou a perceção de forças familiares.

Verificou-se que os participantes no estudo avaliam a sua relação com bons níveis de satisfação e que é a dimensão Paixão a que mais contribui para o grau de satisfação na relação.

Relativamente a possíveis diferenças entre género, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas, entre homens e mulheres relativamente à Satisfação Conjugal Global Média e nas suas dimensões, tal como relativamente à perceção das forças familiares.

Salientam-se os resultados positivos deste estudo ao nível da perceção das forças familiares, em que os participantes revelam que as identificam, nos diferentes fatores que constituíam a escala, nomeadamente: Organização familiar positiva; Crenças familiares positivas; Gestão positiva e suporte familiar; e Emoções positivas.

Relativamente à percepção das forças familiares, a dimensão organização familiar positiva é a mais valorizada e a dimensão emoções positivas a menos identificada pelos nossos participantes.

Verificámos que quanto maior for a satisfação na relação nas várias dimensões maior é a percepção de forças familiares.

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com filhos e os sem filhos, relativamente à satisfação com a relação e à percepção das forças familiares.

Identificámos que a necessidade de objetos do Self que mais se destacou nos nossos participantes no estudo foi a necessidade de objeto de *twins*hip, necessidade esta *que* tem a ver com a necessidade de pertença, de se sentir ligado a um outro semelhante.

A paixão e a confiança na avaliação da satisfação da relação correlacionam-se negativamente com a necessidade de objeto de espelhamento. Uma vez que este se centra mais na necessidade de reconhecimento e valorização, correspondendo a necessidades mais narcísicas que levam a uma maior centração no próprio, por isso com maior dificuldade na paixão e na relação de confiança.

Verificamos que quanto mais elevada é a necessidade de objeto de idealização, a avaliação na dimensão paixão relativamente à satisfação na relação, mais elevadas são as crenças familiares positivas, a gestão positiva e suporte familiar e emoções positivas relativamente à percepção das forças familiares.

Quanto mais elevada é a necessidade de objeto de idealização e a existência de menos conflitos relativamente à satisfação na relação, mais elevada é a organização familiar positiva relativamente à percepção de forças familiares.

A necessidade de se ligar a um objeto valorizado parece funcionar como uma segurança que leva a uma visão mais positiva e crenças mais positivas em relação à família e à percepção das forças familiares.

Relativamente ao possível efeito de interação entre a necessidade de objeto de *twins*hip e a satisfação na relação, concluiu-se que existe um efeito de moderação e que este tem um efeito positivo na percepção das forças familiares. O que não se verificou entre as restantes necessidades de objeto consideradas, nomeadamente as necessidades de idealização e de espelhamento e a negação das necessidades de idealização/*twins*hip e de espelhamento.

Parece-nos poder afirmar que quanto mais graves forem as falhas sentidas no *Self* ao nível do reconhecimento, da autovalorização, maior será a dificuldade em

percecionar as forças familiares positivamente e em conseguir obter satisfação na relação.

Quanto ao acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, verificamos no nosso estudo que 64% da amostra nunca beneficiou deste tipo de apoio.

Consideramos que alcançámos os objetivos propostos para o presente trabalho e que as limitações e direções futuras permitirão perspetivar o desenvolvimento da temática aqui trabalhada.

Gostaríamos ainda de reforçar algumas das ideias apresentadas, em jeito de considerações finais.

A relação amorosa é uma oportunidade de evolução psíquica, em que se verifica a capacidade de autonomização psicológica face aos objetos de relação precoce e a oportunidade de promover o desenvolvimento do *Self* (Mesquita, 2013).

Consideramos à semelhança de outros autores (Leone, 2008; Melo 2011) que, nas intervenções preventivas e terapêuticas, os profissionais só podem efetivamente ajudar os casais a desenvolver mundos emocionais partilhados se os auxiliarem a reconhecer, aprofundar e aceitar as realidades emocionais de cada um.

Será importante pensar o crescimento e o enriquecimento do casal e da relação através de uma ação promotora e preventiva em detrimento de uma lógica de remediação, não perpetuando a tendência generalizada de só recorrer a ajuda exterior em momentos de crise e quando o problema já está instalado. Até porque, por vezes, o casal sabe o que fazer mas não o como, de modo que experienciar situações de exploração que possibilitem o auto-conhecimento e a reflexividade, podendo constituir-se como uma forma de prevenir a disfuncionalidade.

Ainda que não seja resposta para todos os desafios das relações de conjugalidade, o desenvolvimento de programas de “preparação para a conjugalidade”, garantem uma modalidade de intervenção psicológica com potencial preventivo e promotor já bem documentado (Halford, 2004; Pego, 2008) devendo ser encarada enquanto área promissora no nosso país, e tida em conta no trabalho desenvolvido com as famílias caracterizadas, pelos serviços que com elas desenvolvem trabalho, de multiproblemáticas.

Foi ponto de partida deste trabalho termos considerado que as famílias são amostras de um mundo maior e que o estudo da satisfação na relação conjugal é um

ponto central para a compreensão do funcionamento da família, para a identificação de forças no seu seio e para a prevenção de dificuldades e crises.

Os resultados encontrados no presente estudo vão ao encontro dos resultados de outros estudos (e.g. Gottman & Notarius, 2002), que revelaram que existem vários determinantes do bem-estar da família em consequência do tipo de interações existentes no relacionamento conjugal.

Verificamos também, à semelhança de outros autores que as famílias utilizadoras dos serviços sociais são capazes de identificar forças familiares, o que pode ter implicações importantes para a intervenção junto das mesmas (Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006).

As novas abordagens centradas em competências apesar de relativamente consistentes de um ponto de vista teórico e conceptual, oferecendo à família melhores recursos para transformar o risco em oportunidade e expandir as suas forças (Walsh, 1998, 2003) estão longe de construir práticas dominantes nos serviços sociais portugueses. Consideramos, tal como referido no trabalho de Sousa, Ribeiro e Rodrigues (2007), que o modelo centrado nos problemas mantém-se dominante, e que a mudança de perspetiva se encontra ainda num estado inicial.

Em suma, estes autores identificam como maiores obstáculos para que se adote uma abordagem centrada nas forças: a) a relutância dos profissionais em identificar os aspetos positivos das famílias; b) a impotência e incredulidade de famílias e profissionais na possibilidade das famílias melhorarem o seu estilo de vida; c) a concentração nos meios formais, como os principais recursos para que as famílias melhorem o seu estilo de vida.

Consideramos que as abordagens centradas na família e nas suas forças podem trazer algum vigor a um campo de trabalho onde os discursos estão, frequentemente, saturados de desesperança e onde a descrença no potencial humano para a mudança aumenta com cada caso de insucesso, com prejuízo para outras famílias, para os profissionais e para as comunidades em geral (Melo, 2011).

Neste novo paradigma de intervenção com as famílias multiproblemáticas, baseado nas forças da família e assente numa intervenção colaborativa, o técnico deve reconhecer as competências das famílias, mas isso somente não chega, é necessário encorajá-las, incluí-las, verdadeiramente, nas tomadas de decisão, respeitando as suas opções e demonstrando que compreende os seus esforços e os valoriza (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007; Rodrigues & Sousa, 2013). É

essencial a promoção de processos fundamentais, porque estes podem preparar a família para superar problemas imprevistos e evitar crises (Walsh, 1998).

Este estudo pretende também reforçar a importância de se alterar a linguagem dominante centrada nos problemas, introduzindo novos conceitos, como potencialidades e desafios (conceito de famílias multidesafiadas de Summer et al., 1997). Com vista a que as famílias ganhem o controlo das suas vidas é essencial que os técnicos consigam valorizar e potenciar as suas competências, proporcionando recursos concretos, sendo flexíveis acerca dos objetivos e intervenções, promovendo o desenvolvimento de competências de auto-conhecimento, de aprender a pensar nas relações e suas significações, e na capacidade de resolução de problemas. Desenvolvendo uma perspectiva de intervenção colaborativa, na qual a família tem uma palavra a dizer, reconhecendo as suas capacidades e limitações.

Uma intervenção colaborativa que capacita a família aumenta a sua capacidade de reconhecer dificuldades e mobilizar recursos, aumentando a sua resiliência, reorganização familiar e relações familiares.

De acordo com Madsen (1999), um modelo de apoio colaborativo, oferece várias vantagens, nomeadamente: 1) menor probabilidade de provocar resistência na família; 2) fornece uma orientação à intervenção, com vista à obtenção de novos comportamentos; 3) encoraja e estimula o recurso ao conhecimento da família; 4) permite a partilha de conhecimentos de famílias e técnicos, originando novas ideias; e 5) enriquece o trabalho do técnico.

Esta perspectiva de trabalho conta na sua essência com características dos profissionais como curiosidade, interesse, empatia, abertura ao outro e perspectiva de futuro-foco nas soluções. O técnico poderá atuar como “um aliado apreciativo” (Madsen, 1999), uma testemunha que não só reconhece e valida as experiências e forças da família como se posiciona perante elas de uma forma esperançada, ajudando-as a recuperar o controlo sobre as suas vidas.

É também no espaço gerado pelo encontro das palavras dos profissionais e dos seus clientes que se mapeia o mundo atual e se desenham esboços de diferentes mundos possíveis para as famílias.

Uma vez que as famílias multiproblemáticas se encontram sujeitas a multideterminismos que justificam a sua situação. Revela-se fundamental partir do pressuposto que as noções de risco e de proteção abrangem uma realidade que pode ter as suas raízes no indivíduo, quer nos meios em que este se desenvolve e se relaciona.

É assim essencial criar serviços centralizados na família em que se passe de um modelo baseado nos défices para um modelo baseado nos recursos, alcançar um melhor entendimento das situações das famílias, agilizar os serviços e os apoios sociais, tornando-os mais flexíveis, rápidos e coordenados, apostar na prevenção e na intervenção precoce.

As famílias continuam a receber serviços desgarrados, centrados nos indivíduos que compõem a família mais do que nas suas dinâmicas relacionais e nos padrões de interação, nas narrativas familiares e contextos que contribuem para, ou mantêm situações problemáticas (Melo, 2011). Pode deste modo, incorrer-se no risco de procurar mudanças nos indivíduos sem se ter em consideração a possibilidade de estes comportamentos interagirem com outros e com outras dimensões do funcionamento familiar (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

Verifica-se, frequentemente, a ocorrência de intervenções fragmentadas e descoordenadas, com sérios prejuízos para o processo de mudança (Sousa, Ribeiro e Rodrigues, 2006), defendemos, no entanto, que a eficácia das intervenções técnicas depende da coordenação entre os serviços e entre os profissionais que dela fazem parte, a reflexão conjunta sobre a situação familiar.

A complexa interação de fatores que sustenta as dificuldades apresentadas por estas famílias e os caminhos para uma adaptação mais positiva exigem que diferentes disciplinas se unam numa compreensão mais integrada do desenvolvimento e da adaptação humana (Melo, 2011). Tal como referido anteriormente, à semelhança de outras propostas (e.g. Romano, 2000 citado por Melo, 2011; Rodrigues e Sousa, 2013) defendemos que há vantagens num trabalho verdadeiramente articulado e, mais do que isso, integrado entre psicólogos e outros profissionais.

Os técnicos precisam, tal como as famílias, de se organizarem constantemente para dar resposta às complexas solicitações com que são confrontados e aos múltiplos stressores associados (Melo 2011). Para tal, também eles necessitam encontrar saberes e forças adequadas e um suporte eficaz por parte de serviços responsáveis por desenvolver intervenção com estes públicos.

É, assim, fundamental que a potenciação do desenvolvimento pessoal do técnico, com repercussões positivas na intervenção, pois as suas emoções devem ser elemento integrante das mesmas e a possibilidade de trabalhar o seu auto-conhecimento, aceitando a existência de um envolvimento emocional ao longo do processo de ajuda, que lhe permita encontrar o seu próprio estilo (associado à sua

forma de pensar, sentir e fazer), bem como ampliar os seus recursos e ultrapassar as suas dificuldades.

Vários autores (Pann et al., 1988; Whitaker et al., 1988; Whiting, 2007; Neden, 2007; Akister, 2005 citados por Melo, 2011) têm proposto a inclusão, na formação e supervisão dos profissionais, de processos e atividades que estimulem a criatividade e a reflexividade do técnico e permitam que expanda os seus horizontes, se enriqueça, através de diálogos e do estabelecimento de relações colaborativas, no sistema de aprendizagem.

Continuam a escassear em Portugal, serviços integrados prestados no domicílio ou em espaços da comunidade, de forma sistemática (Melo, 2011; Sousa 2005). A oferta de serviços não só educativos mas terapêuticos em contexto domiciliário representa um campo em que é necessário investimento nas formações de base nas universidades e no estabelecimento de pontes mais estreitas entre estas e os serviços que implementam as políticas sociais.

Consideramos fundamental repensar as formas de intervir com estas famílias, a favor da construção de realidades mais satisfatórias e de resolução dos problemas que ameaçam o crescimento e bem-estar das famílias e dos seus elementos.

Defendemos que esta transformação terá de se efetuar de modo complementar a diversos níveis: a compreensão das necessidades individuais dos seus elementos, a compreensão das significações emergentes no desenvolvimento das relações estabelecidas, a compreensão do funcionamento e estrutura das famílias, a reformulação das estratégias de intervenção com as famílias e das políticas sociais que organizam os apoios disponíveis.

A satisfação nas relações deverá ser (mais) um desafio no trabalho com as famílias denominadas multiproblemáticas. (In) Satisfação na relação, uma força ou vulnerabilidade na família? Identifica-se assim um ponto de partida para o trabalho com famílias que são antes de mais e só multideseafiadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aboim, S. (2005). Dinâmicas de interacção e tipos de conjugalidade. In Wall, K. (org.), *Famílias em Portugal – Percursos, interacções, redes sociais* (231-302). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto editora.
- Ausloos, G. (1996). *A competência das famílias*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Banai, E. & Shaver, P. (2005). “Selfobject” Needs in Kohut’s Self Psychology: Links with Attachment, Self-Cohesion, Affect Regulation and Adjustment. *Psychoanalytic Psychology*, 2, 224-260.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Berscheid, E., & Lopes, J. (1997). A temporal model of relationship satisfaction and stability. In R. Sternberg, & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (129-159). New York: Guilford Press.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation, anxiety and anger*. London: Hogarth Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-743.
- Brown, S. (2003). Moving from cohabitation to marriage: effects on relationship quality. *Social Science Research*, 33 (1), 1-19.
- Caillé, P. (1994). *Um e um são três: O casal se auto-revela*. São Paulo: Summus Editorial.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto.
- Cancrini, L., Gregorio, F., & Nocerino, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti & J. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática* (45-82). Barcelona: Paidós.
- Carpentier, A. (2011). *Stages of Child Development: From Conception Onward... An Overview*. Acedido a 29 de junho de 2015, obtido em <http://www.interaide.org/pratiques/practices.htm>
- Cleavelly, E. (1994). Relationships: interaction, defences, and transformation. In: Ruszczynski, S. (org.). *Psychotherapy with couples: theory and practice at the Tavistock Institute of Marital Studies* (55-69). 2ªed. London: Karnac Books.

- Coderch, J. (2011). La práctica de la Psicoterapia Relacional. El Modelo Interactivo en el Campo del Psicanálisis. *Revista electrónica de Psicoterapia: Clínica e Investigación Relacional*, 1, 188-206.
- Colapinto, J. (1995). Dilution of family in social services. *Family Process*, 34, 59-74.
- Conger, R. D., Rueter, M.A., Elder, G.H. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology*. 76 (1) 54-71. American Psychological Association.
- Costa, E. & Narciso, I. (2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal – Fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 181-195.
- Crespo, C. (2007). *Rituais Familiares e o Casal: Paisagens Inter-Sistémicas*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Dakin, J. & Wampler, R. (2008). Money Doesn't Buy Happiness, but It Helps: Marital Satisfaction, Psychological Distress, and Demographic Differences Between Low- and Middle-Income Clinic Couples. *The American Journal of Family Therapy*, 36, 300-311. Taylor & Francis Group, LLC.
- Duarte, C. (2011). Conflito e violência nas relações conjugais: uma perspectiva sistémica. In P. Matos, C. Duarte, M. E. Costa (Eds.), *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção*. (103-123). Porto: LivPsic.
- Duarte, V. (2012). Os caminhos de Alice do outro lado do espelho: discursos e percursos na delinquência juvenil feminina. *Perspetiva Online: Ciências Humanas & Sociais Aplicadas*, 18-22.
- Dunst, J., Trivette, C., & Deal, A. G. (1994). *Supporting & Strengthening Families*. Cambridge: Brookline Books.
- Gabbard, G. (2007). *Psiquiatria Psicodinâmica na prática clínica*. Porto Alegre: Artmed.
- Giddens, A. (1993). *The transformation of intimacy. Sexuality, love & eroticism in modern societies*. Cambridge: Polity Press.
- Glade, A., Bean, R., & Vira, R. (2005). A prime time for marital/ relational intervention: a review of the transition to parenthood literature with treatment recommendations. *The American of Family Therapy*, 33, 319-336.
- Gonçalves, M. M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica: contributos das terapias narrativas*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gottman, J. M., & Notarius, C. I. (2000). Decade review: Observing marital interaction. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 927-947.

- Gottman, J. M., Gottman, S., & DeClaire, J. (2006). *Ten lessons to transform your marriage*. New York.: Crown Publishers.
- Gottman, J., & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento*. Cascais: Pergaminho.
- Greeff, A. P. & H. L. Malherbe. (2001). Intimacy and Marital Satisfaction in Spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 247–257.
- Grilo, P. (2013). A complexidade na intervenção com famílias socialmente vulneráveis. In Rivero, C., Sousa, L. Grilo, P. & Rodrigues, S., *Manual-Práticas Colaborativas e Positivas na Intervenção Social* (6-15). Leiria: EAPN Portugal.
- Grinberg & Grinberg (1976). *Identidade e mudança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Halford, W. K., Kelly, A. & Markman, H. J. (1997). The concept of a healthy marriage. In W. K. Halford & H. J. Markman (Eds.), *Clinical handbook of marriage and couples intervention*. Chichester: John Wiley & Sons Ltd.
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationship*, 15, 137-142.
- Hill, M. & e Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. (2ª edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Hoffman, L. (1993). *Exchanging voices. A collaborative approach to family therapy* (1-55; 81-102; 111-133). London: Karnak Books.
- Kaplan, L. (1986). *Working with multi-problem families*. Nova Iorque: Simon & Schuster
- Kernberg, O. (1991). A Contemporary reading of “On Narcissism”. In J. Sandler, E. Person & P. Fonagy (eds). *Freud’s on Narcissism: An Introduction* (131-148). London: Yale University Press.
- Kohut. H. (1988). *Psicologia do Self e a cultura humana. Reflexões sobre uma nova abordagem psicanalítica*. Porto Alegre: ArteMed.
- Lalanda, Piedade (2005). Transições familiares e identidade das mulheres In Wall, K.(org.) (2005), *Famílias em Portugal – Percursos, interacções, redes sociais*(363-391). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Laurenceau, J., Troy, A. & Carver, C.(2005). Two distinct emotional experiences in romantic relationships: effects on perceptions regarding approach of intimacy and avoiding of conflict. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31,1123-1133.
- Leone, C. (2008). Couple Therapy from the perspective of self-psychology and intersubjectivity theory. *Psychoanalysis Psychology*. 25 (1), 79-98.

- Linares, J. (1997). Modelo sistémico y familia multiproblemática. In M. Colleti & Linares, J. *La intervencion sistémica en los servicios sociales ante la família multiproblemática. La experiencia de Ciutat Vella (23–44)*. Barcelona: Paidós
- Lind, W. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e Recursos*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Lopes, S. M. (2008). *Influências familiares na conjugalidade: o clima relacional na família de origem, a satisfação conjugal e a proximidade conjugal*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Machado, C. (1997). A Psicanálise enquanto relação intersubjectiva. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 27 (2), 39-42.
- Madsen, W. (1999). *Therapy With multi-stressed families*. London: Guilford.
- Madsen, W. (2007). *Collaborative therapy with multi-stressed families (2nd. ed.)* New York: The Guilford Press.
- Maroco, J. (2010). Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS). Pêro Pinheiro: Report Number
- Melo, A. T. (2011). *As forças dos profissionais e da família multidesafiada na protecção da criança. Um modelo de avaliação e intervenção familiar integrada para os CAFAP*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação- Universidade de Coimbra, Portugal.
- Melo, A., & Alarcão, M. (2011). Avaliação de processos de resiliência familiar: Validade e fidelidade do Questionário de Forças Familiares. *Mosaico*, 48, 34-41.
- Menezes, C., & Lopes, R. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebé. *Psico-USF*, 12 (1), 83-93
- Mesquita, I. (2013). *Disfarces de Amor – Relacionamentos amorosos e vulnerabilidade narcísica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (2007). *Working with families of the poor (2nd ed.)*. New York: The Guilford Press.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas Não Perfeitas - À Procura do Padrão que Liga*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.

- Narciso, I., & Costa, M. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. (2007). Conjugalidades – Um olhar sobre satisfação, intimidade e pressupostos sobre a evolução da sexualidade. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 215-239.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neto, L. M. (1997). Famílias Pobres y Multiasistidas. In M. Millán (Ed.), *Psicologia de la Familia. Un enfoque evolutivo y sistémico* (Vol. 1). Valência: Promolibro.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. H. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 575-584.
- Pego, A. L. P. (2008). *Educação Pré-Matrimonial: Uma proposta de intervenção psicológica para Portugal*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação- Universidade do Porto, Portugal.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. (1999). *Conversas com famílias: discursos e perspectivas em terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A.P. & Alarcão, M. (Coords.) (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Renaud, Isabel (2001). A educação para os afectos. *Cadernos de Bioética*. Coimbra: CEB, 26, 89-96.
- Ribeiro, T. (2002). *Da diversidade do masculino e do feminino à singularidade do casal*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal.
- Rijo, D. (2009). *Esquemas Mal-adaptativos Precoces: Validação do Conceito e dos Métodos de Avaliação*. Dissertação de doutoramento em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Rivero, C. (2013). Intervenção Positiva com famílias socialmente vulneráveis In Rivero, C., Sousa, L. Grilo, P. & Rodrigues, S., *Manual-Práticas Colaborativas e Positivas na Intervenção Social* (30-53). Leiria: EAPN Portugal.

- Rodrigues, S. & Sousa, L. (2013). Emergência de abordagens colaborativas na intervenção com famílias vulneráveis In Rivero, C., Sousa, L. Grilo, P. & Rodrigues, S., *Manual-Práticas Colaborativas e Positivas na Intervenção Social* (16-29). Leiria: EAPN Portugal.
- Rogers, C. (1984). Tornar-se Pessoa. Lisboa: Moraes Editores.
- Rojano, R. (2004). The practice of community family therapy. *Family Process*, 43, 59-77.
- Russell-Chapin, L., Chapin, T. & Sattler, L. (2001) The Relationship of Conflict Resolution Styles and Certain Marital Satisfaction Factors to Marital Distress. *The Family Journal*, 9, (3), 259-264.
- Schram R.W. (1979) Marital satisfaction over the family life cycle: a critique and proposal. *Journal of Marriage and the family*, 41(1), 7-12.
- Singly, F. (2000). O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In Peixoto, Singly e Cicchelli (org.), *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Soares, I., Carvalho, M., Dias, P. Rios, S., & Silva, M. J. (2007). Vinculação e psicopatologia. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (193 – 240). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Sousa, L. & Ribeiro, C. (2005). Percepção das Famílias Multiproblemáticas Pobres. *Psicologia*, 19 (1-2), 169-191.
- Sousa, L. (2004). Diagnósticos e Problemas: Uma Perspectiva Sistémica Centrada nas Famílias Multiproblemáticas Pobres. *Psychologica*, 37, 147-167.
- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S., Grilo, P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Sousa, L., Ribeiro, C. & Rodrigues, S. (2006). Intervention with Multi-Problem Poor Clientes: Towards a Strengths-focused Perspective. *Journal of Social Work Practice*, 20 (2), 189-204.
- Stern, D. (1988). The Dialectic Between the “Interpersonal” and the “Intrapsychic”: With Particular Emphasis on the Role of Memory and Representation. *Psychoanalytic Inquiry*, 8, 505-512.
- Summers, J. A., McMann, O. T. & Fuger, K. L. (1997). Critical Thinking: A Method to Guide Staff In *Serving Families with Multiple Challenges*. *Topics in Early Childhood Special Education*, 17 (1), 27-52.
- Torres, A. (2000). *Sociologia da família e do Casamento*. Lisboa: Celta Editores.

- Torres, A. (2002). *O casamento em Portugal*. Oeiras: Celta Editora
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2005). *Habilidades sociais no casamento: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal*. Tese de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, Brasil.
- Wall, K. (2005). *Famílias em Portugal: percursos, interações, redes sociais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Walsh, F. (1998). *Strengthening Family Resilience*. New York: The Guilford Press.
- Walsh, F. (2002). A family resilience framework: Innovative practice applications. *Family Relations*, 51 (2), 130-138.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, 42 (1), 1-18.
- Weitzman, J. (1985). Engaging the severely dysfunctional family in treatment: basic considerations. *Family Process*, 24, 473-485.
- Whisman, M. A. (1997). Satisfaction in close relationships: Challenges for the 21st century. In R. J. Sternberg, & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (385-410). New York: Guilford Press.
- Young, J. E., Klosko, J. S. & Weishaar, M. E. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York: Guilford Press.
- Young, M. A. (2004). Healthy relationships: where's the research? *The Family Journal*, 12, 159-162.
- Zimmerman, J.L. & Dickerson, V.C. (1996). *If problems talked: Narrative therapy in action*. New York: Guilford Press.

ANEXOS

ANEXO I
Protocolo de Investigação



Consentimento informado

Gostaria de pedir a sua colaboração para participar numa investigação para uma tese de mestrado sobre as inter-relações entre as necessidades individuais nos relacionamentos amorosos e o funcionamento da família.

1. A sua participação é completamente voluntária. A sua tarefa consiste em responder aos questionários que serão distribuídos de seguida.
2. As respostas às perguntas em todos os questionários manter-se-ão anónimas. Não haverá nenhuma informação identificável incluída nos questionários.
4. A duração prevista do preenchimento dos questionários é de cerca de 20 minutos.

Deverá responder aos questionários pela ordem apresentada. Após terminar o preenchimento de um questionário e iniciar o outro, não deverá voltar ao questionário anterior.

Por favor, seja sincero nas respostas e sinta-se à vontade, uma vez que a resposta aos questionários é anónima. Não escreva o seu nome em nenhuma das folhas, apenas serão solicitadas algumas informações individuais, no Questionário correspondente à primeira folha do protocolo.

Não leve muito tempo com cada questionário, mas ainda assim, não responda de modo apressado e descuidado.

Se está de acordo e aceita participar, por favor, rubrique em baixo, e depois comece a responder aos questionários.

Tomei conhecimento das condições desta investigação e aceito participar:

Data: ___/___/___

Rúbrica: _____

Depois de ter terminado de preencher os questionários, coloque-os dentro do envelope e feche-o, de modo a manter as suas respostas confidenciais.

A sua colaboração é de máxima importância para o prosseguimento deste estudo, pelo que **agradecemos a sua disponibilidade e participação.**

A mestranda:
Ana Fátima Santos

Orientadora:
Professora Doutora Isabel Mesquita

**NÃO COLOQUE ESTA FOLHA DENTRO DO ENVELOPE COM OS
QUESTIONÁRIOS, ENTREGUE-A SEPARADAMENTE**

Dados Sócio-Demográficos

Este questionário insere-se numa investigação no âmbito de uma tese de dissertação de Mestrado, na Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. Esta investigação pretende conhecer melhor as inter-relações entre as necessidades individuais nos relacionamentos amorosos e o funcionamento da família.

Toda a **informação é anónima e confidencial**, sendo utilizada apenas para fins estatísticos no contexto desta investigação. São solicitados alguns dados individuais, que se revelam úteis para o estudo em causa.

Não existem respostas certas nem erradas. A sua colaboração é fundamental. Por favor responda com toda a sinceridade, não deixando respostas em branco. Pedimos atenção ao facto das folhas terem informação frente e verso. Se tiver dúvidas na resposta, escolha aquela que considerar mais próxima da sua realidade.

1. Sexo: M F
2. Idade: _____
3. Escolaridade:
 0 a 4 anos de escolaridade 5 -6 anos de escolaridade
 7-9 anos de escolaridade 10-12 anos de escolaridade
 Frequência Universitária Ensino Superior
4. Profissão _____
5. Zona de Residência Habitual
 Norte Centro Grande Lisboa Arquipélago
Açores
 Algarve Alentejo Arquipélago Madeira Outra
6. Situação Relacional
 Casamento Desde ____/____(mês/ano)
Quantos casamentos teve anteriormente _____
 União de Facto (igual ou superior a 2 anos) Desde ____/____(mês/ano)
Quantas uniões de facto teve anteriormente? _____
7. Filhos (biológicos/adotivos/enteados)
 Sem filhos Gravidez atual Com filhos
Número de filhos biológicos _____ idades _____
Número de filhos adotivos _____ idades _____
Número de enteados _____ idades _____
8. Acompanhamentos psicológico ou psiquiátrico
 Nunca teve Teve no passado Tem actualmente

Inventário de necessidades de Objectos do Self

(Banai, Mikulincer & Sahaver, 2005)

As seguintes afirmações dizem respeito ao que as pessoas procuram nas suas relações sociais, nas relações de intimidade e nas atividades de grupo.

Por favor, leia cada uma das afirmações e indique em que medida está de acordo, utilizando a escala.

1. Sinto-me magoado/a quando os meus sucessos não são suficientemente admirados.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

2. É importante para mim estar junto de pessoas que estão na mesma situação que eu.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

3. Quando tenho um problema é-me difícil aceitar sugestões mesmo de pessoas mais experientes

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

4. A ligação a pessoas de sucesso faz-me sentir também uma pessoa de sucesso.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

5. Não necessito do elogio dos outros.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

6. Não me envolvo com pessoas que tenham problemas idênticos aos meus.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

7. Fico desapontado/a quando o meu trabalho não é apreciado.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

8. Procuo pessoas que partilhem dos meus valores, opiniões e atividades.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

9. Tenho dificuldade em aceitar orientações, mesmo das pessoas que respeito.

Completamente em desacordo							completamente de acordo
1	2	3	4	5	6	7	

10. Identifico-me com pessoas famosas.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

11. Não funciono bem em situações em que recebo pouca atenção.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

12. Sinto-me bem ao saber que faço parte de um grupo de pessoas que partilham um estilo de vida particular.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

13. Sinto-me mal comigo mesmo/a depois de ser ajudado/a por outras pessoas mais experientes.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

14. Para mim é importante sentir que eu e um amigo chegado estamos “no mesmo barco”.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

15. Quando faço algo, não necessito do reconhecimento dos outros.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

16. Aborreço-me estar em relações próximas com pessoas idênticas a mim.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

17. Sinto atração por pessoas de sucesso.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7

18. Não sinto qualquer necessidade de me vangloriar dos meus sucessos.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

19. Sinto-me melhor comigo mesmo/a quando estou na companhia de peritos.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

20. Prefiro não ser amigo/a de pessoas que são demasiado idênticas a mim.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

21. Sinto-me melhor quando eu e alguém que me é próximo partilhamos os mesmos sentimentos em relação a outras pessoas.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

22. Para mim é importante pertencer a um grupo que partilha opiniões idênticas.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

23. Não me importo com o que os outros pensam a meu respeito.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

24. Sei que sou uma pessoa de sucesso e por isso não necessito do feedback dos outros.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

25. Aborreço-me com pessoas que pensam e sentem de modo demasiado parecido ao meu.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

26. Para mim é importante estar junto de pessoas que me podem servir de modelos.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

27. Sinto-me mais forte quando pessoas em meu redor estão a lidar com problemas idênticos.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

28. Para mim é difícil pertencer a um grupo de pessoas que sejam muito parecidas comigo.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

29. Para me sentir bem sucedido/a, eu necessito do reforço e aprovação por parte dos outros.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

30. Quando estou preocupado/a ou angustiado/a, não me ajuda muito receber conselhos de pessoas mais experientes.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

31. Procuro estar perto de pessoas que admiro.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

32. Sinto-me mais auto-confiante quando tenho amigos que acreditam no mesmo que eu.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

33. Necessito muito da opinião dos outros.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

34. É difícil orgulhar-me dos grupos a que pertença.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

35. A maior parte das vezes sinto-me pouco reconhecido pelos meus superiores.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

36. Para mim é importante pertencer a grupos com elevado estatuto social e com "glamour".

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

37. Não tenho necessidade de ser encorajado e apoiado por outros.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

38. Prefiro não pertencer a grupos que tenham um estilo de vida semelhante ao meu.

Completamente
em desacordo

completamente
de acordo

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

R.R.F.-R.
(Davis, 1996; versão portuguesa, Lind, 2008)

Aqui em baixo encontra questões acerca da sua relação com o seu par amoroso. Para responder às questões, marque com uma cruz (x) o espaço correspondente ao número, entre 1 e 9, que melhor reflete os seus sentimentos acerca da sua relação com esta pessoa. Use a seguinte chave para o significado dos números:

- | | |
|--|-----------------------|
| 1=nada | 6=Bastante |
| 2= muito pouco | 7=Muito |
| 3= ligeiramente ou raramente sempre | 8=Fortemente ou quase |
| 4= alguma coisa ou não muito frequentemente extremamente | 9=Completamente ou |
| 5=Um bom bocado | |

	Nada			Um bom bocado			Completa-mente		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Aceita esta pessoa tal como ela é?									
2. Está disposto a ignorar as pequenas falhas desta pessoa devido aos sentimentos que tem por ela?									
3. É fácil para si perdoar esta pessoa?									
4. Respeita esta pessoa?									
5. Esta pessoa revela o que há de melhor em si?									
6. Esta pessoa é um bom ouvinte das suas ideias e planos?									
7. Pode contar com esta pessoa em alturas de necessidade?									
8. Você e esta pessoa discutem abertamente assuntos pessoais?									
9. Você sabe que tipo de pessoa ele(a) é?									
10. Conhece as falhas e defeitos desta pessoa?									
11. Conhece o passado desta pessoa?									
12. Dá-lhe prazer, só de observar ou olhar para esta pessoa?									
13. Pensa nesta pessoa mesmo quando não está com ele(a)?									
14. Existem coisas que só faz com esta pessoa?									
15. Tem sentimentos por esta pessoa que não poderia ter por outras pessoas?									
16. É sexualmente íntimo desta pessoa?									
17. Acha esta pessoa sexualmente atraente?									
18. Gosta de ser tocado(a) por esta pessoa e de o (a) tocar?									
19. Pode contar com esta pessoa para lhe emprestar uma quantidade substancial de dinheiro?									
20. Pode contar com esta pessoa para arriscar a sua segurança pessoal para o (a) ajudar se você estiver em perigo?									

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
21. Pode contar com esta pessoa para fazer por si tudo o que estiver ao seu alcance?									
22. Está preparado para fazer um sacrifício por esta pessoa?									
23. Pode contar com esta pessoa para lhe dizer o que os outros acham de si?									
24. Pode contar com esta pessoa para o apoiar numa discussão ou disputa com outros?									
25. Pode contar com esta pessoa para defender os seus interesses se existir um conflito entre os seus interesses e os de outros?									
26. Pode contar com esta pessoa para vir em seu auxílio quando precisa de ajuda?									
27. Esta pessoa pode contar consigo para o(a) ajudar quando precisar?									
28. Pode contar com esta pessoa para lhe dizer, o que ele(a) realmente pensa sobre certos assuntos independentemente de poder concordar ou não consigo?									
29. Está contente na sua relação com esta pessoa?									
30. A sua relação com esta pessoa tem sido um sucesso?									
31. Dá-lhe prazer fazer coisas com esta pessoa mais do que com as outras?									
32. Gosta de fazer coisas com esta pessoa, que de outra forma não gostaria?									
33. A companhia desta pessoa dá-lhe prazer?									
34. O seu parceiro partilha o mesmo sentimento por si que você sente por ele(a)?									
35. Esta pessoa importa-se realmente consigo como pessoa?									
36. Sente que o seu par amoroso se importa consigo tanto quanto você se importa com ele(a)?									
37. O seu par amoroso fá-lo(a) sentir-se valorizado e especial?									
38. Você briga e discute com esta pessoa?									
39. Esta pessoa trata-o(a) de maneira injusta?									
40. Existe tensão na sua relação com esta pessoa?									
41. Está confuso(a) ou inseguro(a) dos sentimentos que tem para com esta pessoa?									
42. Sente que esta pessoa exige demasiado do seu tempo?									
43. Está empenhado em permanecer na relação?									
44. Esta pessoa está à altura dos seus ideais para um parceiro(a) para toda a vida?									
45. Alguma vez o seu par amoroso o (a) forçou a fazer alguma coisa que não quisesse fazer?									
46. Alguma vez forçou o seu par amoroso a fazer alguma coisa que ele(a) não quisesse fazer?									

**Questionário de Forças Familiares
(Melo & Alarcão, 2009)**

Segue-se uma listagem de coisas que por vezes acontecem nas famílias.

Por favor assinale em que medida considera que as características descritas são parecidas com as da sua família, de acordo com a seguinte escala:

1=nada parecidas

2=pouco parecidas

3=mais ou menos parecidas

4=bastante parecidas

5=totalmente parecidas

	1	2	3	4	5
1. Na minha família somos otimistas e procuramos ver sempre o lado positivo das coisas.					
2. Na minha família acreditamos que em conjunto conseguimos sempre encontrar maneira de lidar com os problemas.					
3. Na minha família somos muito unidos.					
4. Na minha família toda a gente tem o direito de dar a sua opinião.					
5. Na minha família tomamos decisões em conjunto.					
6. Na minha família sempre que alguém tem um problema toda a gente se junta para ajudar.					
7. Na minha família toda a gente dá apoio áquilo que cada um quer fazer, aos projetos individuais e ao que é importante para si.					
8. Na minha família cada um tem o direito de ter a sua privacidade, o seu próprio espaço ou tempo.					
9. Na minha família as tarefas de casa e da vida familiar são partilhadas.					
10. Na minha família mostramos abertamente o que sentimos uns pelos outros.					
11. Na minha família sentimos que somos capazes de ser felizes apesar das dificuldades que vão ou podem aparecer.					
12. Na minha família existem regras claras que toda a gente conhece e sabe que tem de cumprir.					
13. Na minha família fazemos coisas e atividades em conjunto.					

1=nada parecidas

2=pouco parecidas

3=mais ou menos parecidas

4=bastante parecidas

5=totalmente parecidas

	1	2	3	4	5
14. Na minha família há boa disposição e encontramos sempre momentos para rir.					
15. Na minha família toda a gente é capaz de dizer o que pensa e sente, mesmo coisas negativas, sem magoar os outros.					
16. Na minha família quando aparece um problema importante, conversamos e resolvemo-lo em conjunto.					
17. Na minha família temos amigos, vizinhos ou pessoas conhecidas que nos ajudam quando precisamos.					
18. Na minha família conseguimos gerir o dinheiro que temos de maneira a conseguir pagar as principais despesas.					
19. Na minha família sabemos a que sítios temos que nos dirigir para cada dificuldade que surge.					
20. Na minha família, quando há problemas com os quais não conseguimos lidar, aceitamos isso e seguimos em frente sem desanimar.					
21. Na minha família acreditamos que todos temos algo a cumprir, uma espécie de missão.					
22. Na minha família há valores que se deseja que toda a gente aprenda.					
23. Na minha família conseguimos lidar bem com imprevistos e dificuldades.					
24. Na minha família acreditamos que os momentos de dificuldade nos podem ajudar a ser mais fortes.					
25. Na minha família é importante que cada um tente ser feliz.					
26. Na minha família conseguimos resolver um desacordo sem conflitos.					
27. A minha família consegue encontrar ajuda, quando precisa, nas pessoas que conhece.					
28. Na minha família conseguimos discutir pontos de vista diferentes sem ficarmos zangados uns com os outros.					
29. Na minha família as decisões importantes, que afetam todos, são tomadas em conjunto.					

Muito obrigada pela sua colaboração!